

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab. Cunt
3458
S. 9 (c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“O CAMPO É MEU MUNDO E MEU
PARAÍSO”
ENTREVISTAS COM PEQUENOS
PROPRIETÁRIOS RURAIS
ITAPAGIPE-M.G., 1960-2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

DAIANE CARNEIRO DE ASSUNÇÃO

3458
S. 9 (c)

DAIANE CARNEIRO DE ASSUNÇÃO

**“O CAMPO É MEU MUNDO E MEU
PARAÍSO”.
ENTREVISTAS COM PEQUENOS
PROPRIETÁRIOS RURAIS
ITAPAGIPE-M.G., 1960-2005.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em
História, sob orientação da Prof.
Dr.^a Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, Março de 2007.

DAIANE CARNEIRO DE ASSUNÇÃO

“O CAMPO É MEU MUNDO E MEU PARAÍSO”.
ENTREVISTAS COM PEQUENOS PROPRIETÁRIOS RURAIS
ITAPAGIPE-M.G., 1960-2005.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr.^a Célia Rocha Calvo- Orientadora

Prof.^a. Ms. Sheille Soares de Freitas

Prof. Ms. Paulo César Inácio

Dedico este trabalho aos meus pais, Evangelisto Paulo de Assunção e Maria Carneiro de Assunção, expressão de amor, dedicação, paciência, dignidade e luta para criar as filhas e neta. A todos os meus entrevistados, pela cooperação e boa receptividade.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas de uma forma ou de outra me incentivaram na realização deste trabalho. Pessoas que conheci ao longo desses cinco anos de graduação, amigos e amigas que conquistei ao longo de minha trajetória e que sempre se dispuseram a compartilhar comigo diferentes sentimentos, o meu obrigado.

À Célia Rocha Calvo que sempre acreditou neste trabalho e que com o passar do tempo se tornou mais que uma orientadora. A paciência e a dedicação que sempre teve em ler e reler tantas e tantas vezes o meu trabalho. Agradeço pela maneira como dialogou comigo norteando os caminhos que eu poderia percorrer, o que para mim foi fundamental.

À todos os professores do curso por contribuírem com a minha reflexão ao longo deste trabalho através de suas aulas e atendimentos. E a Sheille Soares de Freitas e Paulo César Inácio, que prontamente aceitaram em participar da Banca Examinadora.

À todos os moradores rurais do município de Itapagipe que me deram idéias, me deram seus depoimentos e tornaram esse trabalho possível.

Às minhas companheiras de república que sempre estiveram do meu lado me incentivando e tendo muita paciência.

Ao meu amigo Marcos pela paciência e dedicação em ler o meu trabalho, dar sugestões e me ajudar à corrigi-lo.

Aos meus pais e irmã que sempre me auxiliaram na busca por entrevistados e me levaram até eles.

“Gosto daqui, e só mudo daqui diretu pru cimiterio.”
Moacir Carneiro Leão

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
CAPÍTULO I- CAMPO: MEU MUNDO, MEU PARAÍSO.....	20
CAPÍTULO II- PARA ALÉM DO TRABALHO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
FONTES.....	61
FONTES ORAIS.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	63

RESUMO

Este trabalho aborda modos de viver e permanecer no campo, a partir das narrativas de pequenos proprietários rurais do município de Itapagipe no período de 1960-2005. As narrativas são utilizadas para reflexão do que permaneceu e do que mudou nas maneiras de viver desses sujeitos que escolheram o campo para viver, procurando perceber também o sentido de permanecer no campo para eles, a relação com a terra e com o trabalho.

O propósito deste trabalho é refletir as mudanças por meio das interpretações e compreensões de alguns moradores do município. Discutindo/dialogando com eles, para poder refletir tais questões.

Refletindo com esses proprietários compreendendo o modo como relatam/narram sobre suas permanências, suas práticas de “produção” e trabalho em meio as transformações sofridas naquela região, no modo de viver no “campo”.

Para a elaboração desse trabalho, foram utilizados depoimentos, dados estatísticos, jornais, monografias, dissertações e vários livros. A fim de refletir sobre o que aqui é proposto, foi escolhida como opção teórico-metodológica o uso da História Oral, uma vez que o propósito dessa pesquisa é escrever a história do município de Itapagipe, a partir das narrativas dos pequenos proprietários de terra, sendo assim, foi necessário ouvi-los.

Considerações Iniciais

Este trabalho busca refletir sobre as transformações nos modos de viver e permanecer no campo, a partir das narrativas de pequenos proprietários de terras, residentes no município de Itapagipe-MG.

Primeiramente, deve ser entendida a minha relação com o local e as pessoas que foram entrevistadas para essa pesquisa tornar-se possível. Nasci e fui criada até meus 17 anos na Fazenda Serra da Moeda, município de Itapagipe-MG; mudei-me porque Itapagipe não possui faculdades e nem cursos preparatórios para o vestibular. Minha família e amigos moram quase todos nesta cidade, onde passo as minhas férias e feriados. Itapagipe não é somente o local onde me refugio para me descansar e divertir, é uma forma de estar próximo às minhas origens, aos meus amigos e, principalmente, minha família. Sou filha, neta, sobrinha de pequenos proprietários de terra, advindo daí minha experiência de vida, motivação para a realização deste trabalho.

O propósito deste trabalho é refletir as mudanças por meio das interpretações e compreensões de alguns moradores do município. Discutindo/dialogando com eles, para poder refletir tais questões.

Refletindo com esses proprietários compreendendo o modo como relatam/narram sobre suas permanências, suas práticas de “produção” e trabalho em meio as transformações sofridas naquela região, no modo de viver no “campo”.

Para refletir nesta perspectiva, é que utilizei alguns autores vinculados à História Social. Para pensarmos um pouco no que é campo, as relações sociais, culturais e econômicas dos camponeses, é que utilizarei algumas reflexões de autores reconhecidos, como: Thompson, Milton Santos, Raymond Williams, Alessandro Portelli e Raphael Samuel.

O conceito de Experiência formulado por Thompson em seu livro *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma Crítica ao Pensamento de Althusser*, é de fundamental importância nesse trabalho. Ele mostra que a teoria é importante para se fazer um trabalho, porém não deve estar sozinha, mas acompanhada de uma investigação da experiência dos sujeitos históricos. A experiência não é experimentada pelos sujeitos apenas no campo das idéias, mas também como sentimentos, os quais estão presentes,

segundo ele, na cultura, como normas e valores. E, nesse sentido, a contribuição de Thompson é fundamental, para que se possa analisar e compreender as experiências dos sujeitos históricos no que diz respeito, não só das transformações que ocorrem em suas vidas, mas também, em um sentido mais amplo, compreender os valores, os referenciais dessas pessoas no seu dia-a-dia, enquanto sujeitos da história; ou seja, não meros espectadores, mas fazedores da história.

Para Thompson, as tradições perpetuam-se, em grande parte, mediante a transmissão oral. Por isso, percebi ser difícil entender as transformações que vêm ocorrendo aos habitantes do campo de Itapagipe sem, primeiramente, entrevistá-los. Foi com o intuito de compreender melhor as relações existentes entre eles, suas tradições, sua cultura e as transformações pelas quais eles vêm passando, é que realizei um primeiro levantamento da situação atual dos pequenos produtores rurais de Itapagipe. Deparei-me com uma grande diversidade, que me proporcionou vários caminhos e possibilidades de pesquisa. Assim, pensei em buscar essa multiplicidade de situações, para compreender o que está acontecendo nesta cidade; onde seus pequenos produtores rurais, mudam de profissão, de local e de vida.

Com o auxílio de mais alguns textos de Thompson, consegui analisar a História com um “olhar mais social”, e isso me levou para perspectivas novas que possibilitam a ampliação do leque de ação do historiador diante daquela sociedade. Entendendo o termo “Cultura” enquanto “Modo de Vida”. Compreendemos que homens, mulheres e crianças organizam-se de acordo com suas próprias experiências e valores morais, vividos coletivamente; constituindo-se, assim, modos de vida. Não nos é permitido estudá-los de forma a vê-los como reflexos de generalizações ou de análises economicistas de determinadas correntes historiográficas; mas sim, estudando sujeitos coletivos em suas relações de lutas sociais nos diversos níveis, em um cotidiano não homogêneo onde:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos dispare e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (...) A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de

seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem(geralmente se opõem) dos seus.¹

Desta forma, na cultura, no modo de vida, é que os sujeitos sociais vivem intensamente, constituem valores, práticas e tradições, elaboram o trabalho, sua produção, vivem suas perspectivas, seus sonhos, suas ilusões e desilusões, vivem suas tristezas e alegrias, em espaços os mais diversos, no campo e nas cidades, nos bairros e na floresta, nos becos, nos prostíbulos, nos serviços públicos, nas escolas, nas praças, nos bares, nos quintais, nas ruas, nos lares, nos clubes, no campo de futebol, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas delegacias sindicais, nas igrejas, nas comunidades eclesiais de base e em outros espaços onde a vida acontece. Sua consciência de classe, como nos afirma também Thompson:

É a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe (...) o partido, a seita ou o teórico que desvenda a consciência de classe, não como ela é, mas como deveria ser.²

Isto nos impede de qualquer tentativa de estudar experiências vividas por sujeitos coletivos de maneira a impormos nossos posicionamentos teóricos, impróprios a um estudo de uma cultura, sem um diálogo com o outro posicionamento de nossas pesquisas. Assim, é de fundamental importância, nessas relações entre História e Cultura, um diálogo constante entre “Teoria” e “Evidência”, percebendo o social não como algo “dado”, mas como algo, por ser social, constitutivo.

De acordo com Thompson, encontramos na sociedade rural e também nas áreas manufatureiras, uma herança importante de definições e expectativas marcadas pelo costume. Sendo que o aprendizado não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações.

Para tentar compreender melhor o conceito de campo, precisei também entender as características que são atribuídas à cidade. Segundo o pensamento de Raymond Williams,

¹ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. RJ: Paz e Terra, 2ª edição, 1987. PP 9-10.

² THOMPSON, E. P., **A Formação da Classe Operária Inglesa**. RJ: Paz e Terra, 2ª edição, 1987, PP.10.

os valores e as características que são atribuídos ao campo e a cidade, são por demais, bem distintos e contrastantes, podendo ser positivos ou não. O campo, pelo lado positivo, passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, inocência e virtudes simples; já, pelo lado negativo, é associado ao atraso, ignorância e limitação. À cidade, por sua vez, é entendida como de centro de realizações, de saber, comunicações e de luz, mas, similarmente ao campo, é associada às características depreciativas tais como: ser um local de barulho, mundanidade e ambição.

Mesmo que essas distinções tenham sido feitas há muitos anos e refiram-se à antigüidade clássica, podemos ver várias dessas características sendo atribuídas até hoje, quando falamos ou pensamos em campo e em cidade. São conceitos e características que não conseguimos abolir ainda de nossas reflexões. Talvez, por não querermos ou por não nos desvencilhar dessa definição que nos foi imposta e enxergarmos para além dela.

Juntamente, às definições de Thompson e Williams, outra fonte por mim utilizada foi a oral. Acredito que as fontes orais são extremamente necessárias para este trabalho, uma vez que estou trabalhando com pessoas que não têm o hábito da escrita e que, em sua maioria, não conseguiram concluir os seus estudos até a oitava série do primeiro grau.

Então, realizei seis entrevistas com pequenos proprietários de trajetórias diferentes, mas experiências compartilhadas. As trajetórias são diferentes por alguns terem morado em outro estado, trabalharem em atividades distintas e já morarem na cidade, enquanto outros nasceram e sempre moraram naquele município; as experiências são compartilhadas por terem no campo a referência de morar, trabalhar, viver da, e na, terra. Estas pessoas exercem e exerceram várias atividades: como pecuaristas de leite (queijos, creme e o leite in natura), pecuaristas de gado de corte, agricultores, e pessoas que foram empregados, mas agora são donos do próprio negócio.

Para refletir sobre as diferentes trajetórias, mas experiências compartilhadas, obtidas com as entrevistas, recorri a alguns conceitos de Alessandro Portelli:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca....O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em

*igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.*³

Assim, deve ser uma entrevista, com interação das duas partes. As trocas de experiências devem ser feitas. Mas, cabe ao pesquisador de campo, não distorcer a comunicação e tentar não buscar informações tendenciosas.

Mas é importante saber que sempre haverá influências. Mesmo os historiadores sabem que a imparcialidade não existe, seja por ter laços de parentescos com os entrevistados, morar-se no mesmo local, ter-se vivido a mesma experiência que viveram; seja por não se compartilhar da mesma opinião dos entrevistados. Enfim, o contexto pode e influencia, um pouco, os rumos de uma pesquisa. Cabe a nós, enquanto pesquisadores, sabermos questionar e problematizar essas influências.

Tenho que ressaltar que a opção metodológica da pesquisa pelas fontes orais também possui como objetivo trazer mais elementos que permitam aprofundar o debate em torno da legitimidade da história oral, que muito é questionada no meio acadêmico. Particularmente, acredito que ela inova a produção teórica de História, pois possibilita pensar em uma nova concepção, que vai além dos registros escritos. O contato que o historiador possui com esse tipo de documento é “frio”, não pode perceber expressões, indagar além do que está dado, registrado; já, as narrativas orais nos possibilitam mais contato com o “objeto” em estudo.

Acredito ser relevante ressaltar que as fontes orais são cruciais para discutirmos historicamente a temporalidade, pois as entrevistas abrem caminhos para pensarmos e trabalharmos, por exemplo, a noção de fato histórico. Quando decidi trabalhar com fontes orais, tinha uma noção que o caminho a ser percorrido não seria fácil, mas não imaginava que seria tão instigante. A fonte oral convida-nos a lidar com o sensível, com o humano, com o parcial, mas dentro de uma lógica. Quem se propõe a trabalhar utilizando fontes orais, deve estar aberto e atento às reelaborações que os entrevistados produzem, fazendo-se fundamental entender e analisar as narrativas para, então, compreender a trajetória, as vivências e os valores, dos sujeitos históricos entrevistados.

³ PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade.** Proj História, Ed. Científica, SP. 1997. PP.10.

Portelli ressalta que não se deve esperar a “rigorosa verdade”, pois a pessoa que dá seu depoimento o faz a partir do filtro de sua memória e de sua subjetividade. Esta se destaca quando a depoente escolhe relatar ou não determinados fatos ou sentimentos. O teor de um depoimento pode variar de acordo com a qualidade da relação de confiança estabelecida entre quem entrevista e as pessoas entrevistadas, pois uma exposição expõe ao mesmo tempo o tema e a pessoa expositora. “*A memória não é aquilo de que lembramos, é o que somos*”.⁴

E, ainda se observa que, durante as entrevistas, torna-se evidente que a memória dos ancestrais mescla-se à lembranças de narrativas conhecidas, à vivências e atitudes diante da vida, e formam um todo na memória dos depoentes. Estes re-significam fatos passados, e expressam sua interpretação. Nesse processo constroem sua identidade, reorganizando sua trajetória ao rememorar-la.

Outra contribuição importante é a de Raphael Samuel quando discute a história local e oral. A partir de suas reflexões, pode-se entender que a história oral não é uma fonte em si mesma, mas ela torna possível discutir as relações que as pessoas têm com sua memória, com seu passado. A leitura desse autor permite ainda dizer que a história oral deve ser tratada como um problema de análise e não como uma realidade pura à qual não se pode fazer nenhuma crítica. A história oral é, então, uma fonte com interrogações próprias e não se pode super valorizá-la nem tão pouco julgá-la insignificante.

Assim, a história oral não pode ser tratada como recomposição fiel do passado, pois, como o documento escrito é passível de crítica, também o são os depoimentos para que se possa dar significado ao que está sendo dito, por que a memória é a todo tempo reelaborada e seletiva, ou seja, o entrevistado visita o passado de forma intencional, selecionando o que vai dizer, neste ponto, torna-se importante a sua indagação.

Analisando as teorias de Milton Santos, pode perceber o campo como um território que passa por várias pressões impostas pelo mercado mundial. Sendo que, com suas imposições, torna-se cada vez mais densa a divisão territorial do trabalho. Além de condicionar a construção de especializações, essa nova estruturação fragmenta o território. Os compartimentos mais ativos são aqueles mais aptos aos produtos exigidos pelo mercado

⁴ PORTELLI, A. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões Sobre a Ética na História Oral. **IN: Revista Projeto História**. PUC-SP, EDUSC, n.º 15, Abril/97, PP 26.

mundial. Porque passamos de um tempo lento (onde as ações humanas eram comandadas pela natureza, diferenciado segundo as regiões), a um tempo rápido (marcado pela mecanização, onde o homem molda a natureza para as suas necessidades); um tempo hegemônico único, influenciado pelo dado internacional: o tempo do Estado e das multinacionais.

Com o intuito de compreender como o território é utilizado e a reorganização produtiva, realizei leituras como “Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI”, do autor Milton Santos e “Quatro Séculos de Latifúndio” de Alberto Passos Guimarães. Através da análise que fiz dessas leituras, pude perceber que, com o advento de novas tecnologias e a nova lógica de mercado, o campo brasileiro passa por uma grande reformulação em sua estrutura.

A região do sudeste brasileiro, principalmente os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, desenvolveu-se antes de qualquer outra região do país, devido a uma série de motivos. Um deles é por que esses dois estados são litorâneos (essa é uma característica estrategicamente importante para o escoamento da produção). O Estado do Rio de Janeiro, em particular, teve a sua economia impulsionada, por ter sido escolhido para sediar a capital do país e o motivo principal, foi a expansão cafeeira. Esta ocorreu com maior intensidade, no Estado de São Paulo, mas teve seus impactos positivos também no Estado do Rio de Janeiro. O complexo cafeeiro desta região, foi capaz de articular-se, de tal maneira que gerou capital para impulsionar outras atividades, dinamizando a economia, financiando estradas (tanto de ferro quanto rodovias) e acarretando mudanças significativas.

Por décadas, o café passou a ser uma “Commodity” rural (um produto cujo preço no mercado mundial é determinado na bolsa de valores), permitindo a acumulação de capital por parte dos grandes produtores de café, mas com a crise de 29 (a quebra da bolsa de Nova York), a produção de café no Brasil também entra em crise, fazendo com que muitos latifundiários produtores de café, tenham que vender ou arrendar as suas fazendas e deixar de lado a produção de café; um dos motivos para que começasse no Brasil a descentralização de terras. Os pequenos lotes arrendados, dentro dos limites dos latifúndios, permitiram o acesso à terra, surgindo, então, a pequena propriedade. Com a crise, muitos

produtores de café tiveram que mudar de atividade, encontrando na indústria, um meio de reerguerem-se.

Foi justamente nesta época que esses dois estados, “deram um enorme salto” na industrialização e, aliado a isso, também se sobressaíam dos demais estados, por possuírem a maior malha ferroviária, rodoviária e os melhores e maiores portos do país. Com capital, com meios de transportes e de escoamento melhores, e geograficamente favorecidos, os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro avançaram tecnologicamente na indústria e no campo. Assim, o eixo Rio-São Paulo se tornou o mais rico e desenvolvido do país.

Temos que ter em mente que cada região teve a sua importância no processo de desenvolvimento do país. O eixo Rio-São Paulo, foi a região que teve indústrias e outras áreas desenvolvendo-se rapidamente, quando comparada à outras regiões; mas, para chegar a este nível de desenvolvimento, precisou de que outras lhe fornecessem matérias-primas e alimentos. Neste contexto, revela-se a importância da região do Triângulo Mineiro, que nessa época, entre os anos de 1880 até meados de 1940, fornece alimentos e matérias-primas para o eixo Rio-São Paulo, garantindo que ele possa expandir suas indústrias e lavouras de café.

Porém, o Triângulo Mineiro, em especial na década de 60/70, passa por uma transformação primordial. Por se encontrar em um ponto geograficamente estratégico (ligando o Centro ao Sul do Brasil), teve a sua malha rodoviária e ferroviária, ampliada e melhorada por causa da construção de Brasília, cidade que depois de construída, influenciou no dinamismo econômico de muitos Estados.

Não podemos pensar no Triângulo Mineiro como um local carente e atrasado. Frequentemente, cometemos um enorme erro ao compararmos determinados aspectos de uma região, à regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, que tiveram os seus setores agropecuário e industrial “desenvolvidos” em relação às demais regiões do Brasil. É exatamente esse tipo de análise comparativa que determina ainda hoje as regiões como sendo “atrasadas” ou “desenvolvidas”. É exatamente essa questão que Milton Santos aborda. Não existe, para ele, região atrasada; existe sim, região que teve melhores condições para se “desenvolver” e, algumas vezes, foram “obrigadas” a buscar seu próprio espaço por que se não se adequasse rapidamente às novas relações organizacionais, perderiam lugar no mercado.

A partir dos anos 70, o Brasil passa por uma “descentralização” industrial e, principalmente, o eixo Rio-São Paulo passa pelo movimento de desconcentração da produção industrial, uma das manifestações do desdobramento da divisão territorial do trabalho no Brasil. Várias regiões do Brasil passam, agora, a serem vistas, não mais como locais atrasados mas, sim, como regiões com grande potencial para se implantarem indústrias. Destarte, os estados “lutam” entre si para conquistar as empresas, oferecendo-lhes, cada vez mais, incentivos fiscais e, também, várias regalias como terrenos, redução nas contas de energia e água.

A análise que fiz da teoria dos autores citados no texto acima, em conjunto com o exame das transformações no Triângulo Mineiro, permitir-me-ão abordar a história como um processo, construído pelos próprios homens, portanto, múltiplo e ambíguo, apreendendo no social, leituras diferenciadas sobre as práticas cotidianas dos diversos sujeitos. Assim, pretendo nesta pesquisa compreender, as relações sociais, os conflitos, as experiências, dos sujeitos sociais que experimentaram esse processo de transformação; refletir sobre os problemas, sonhos, anseios, desejos e sua cultura, perceptível nas narrativas dos entrevistados em Itapagipe.

Foram realizadas seis entrevistas, entre pessoas que nasceram e sempre moraram no município de Itapagipe; outras, que não nasceram, mais lá estão morando há alguns anos e outras que nasceram, mudaram-se e, agora, voltaram a morar no município. Além de algumas conversas informais que foram realizadas com o técnico da EMATER-MG, com o secretário do COMSEPI (conselho municipal de segurança pública de Itapagipe), e com alguns moradores antigos do município, contribuindo para enriquecer mais a pesquisa.

A princípio foi elaborado um roteiro para tentar sanar algumas questões que me angustiavam. Mas, logo ao transcrever a primeira entrevista, surgiram algumas questões não abordadas por ele. Então, percebi que um roteiro pronto e inflexível não seria interessante, pois a entrevista deve ser como se dois amigos estivessem conversando normalmente, onde as idéias surgem sem ser impostas. Assim, ao impor as perguntas, o entrevistador priva o entrevistado de levantar questões e de abordar diversos assuntos que podem lhe ser úteis mais tarde, a conversa não flui e o entrevistado ficará restrito às questões levantadas. Deve-se ter um roteiro, mas como guia, apontando algumas questões que devem ser priorizadas.

Juntando-se o questionário e as experiências sociais dos entrevistados, procurei entender as mudanças que estão ocorrendo, observando como cada um deles pontuam e refletem sobre transformações no ontem e no hoje; o que observaram que mudou, como os costumes, modos de viver e trabalhar.

Com certeza, por morarem e serem proprietários de terras no mesmo município, já possuíam vários pontos em comum e, para um leitor leigo ou desatento, poderiam até parecer iguais e vivenciado as mesmas experiências.

Devemos reconhecer que as experiências podem ter sido muito próximas (ou ainda, as mesmas), mas para o pesquisador que utiliza-se da História Oral como fonte, isto não acontece. Porque cada indivíduo, mesmo que tenha vivido a mesma experiência de muitos, terá a sua interpretação dos fatos ocorridos. Exatamente por este motivo, mais de uma entrevista foi realizada. Uma não contemplaria as várias interpretações e pontos de vista que se podem obter do mesmo episódio, quando são ouvidos várias pessoas.

Para refletir sobre as questões de como adquiriram suas terras, quais as mudanças estão ocorrendo naquele local, quais os problemas enfrentados e quais as suas expectativas, conversei com seis pessoas. Nelas busquei, principalmente, pontos em comum, mas trajetórias diferenciadas. Assim, cheguei seis pequenos proprietários de terra, moradores do município de Itapagipe. Trabalham a terra, mas alguns não dependem apenas da renda retirada dela para sobreviver; alguns possuem apenas a renda que retiram da terra para viver mas, não necessariamente, moram nela; outros moram, mas não trabalham diretamente com a terra, necessitando de um empregado; há outros que moram, trabalham e não dependem da terra para viver.

Uma das coisas que ajudaram-me muito foi ser de Itapagipe, conhecer todos e ter uma relação de parentesco ou de amizade com as pessoas que conversei. Pois, dentre os entrevistados está o meu pai, minha tia, primos, padrinho de batismo, vizinhos, amigos e parentes. Essas relações facilitaram muito o momento de identificação, abordagem e entrevista. Alguém pode pensar que este fato, diferentemente de ajudar, atrapalharia (por estar muito ligada e envolvida com as pessoas e com suas experiências de vida), mas interpreto de modo inverso, pois todo historiador que trabalha com a História Oral como fonte, sabe que a imparcialidade e a neutralidade, não existem; todos nós temos nossas

opiniões, formadas bem antes de entrevistarmos alguém e essas opiniões são definitivas na seleção dos entrevistados.

No primeiro capítulo, procurei refletir sobre o viver dos pequenos proprietários do município de Itapagipe. O que significa pensar o vínculo com a realidade sócio-cultural que trazem em suas narrativas, demarcado pela densidade regional. Já no segundo, tentei mostrar como esses sujeitos apresentam a sua relação com a terra e o trabalho. Como eles percebem as mudanças que estão ocorrendo com seus modos de produção e de vida e, também, suas vidas para além do trabalho. O que fazem na hora do lazer?

Capítulo I

“EU NUM LARGO ESSE PARAÍSU AQUI, PUR CIDADE ARGUMA...”

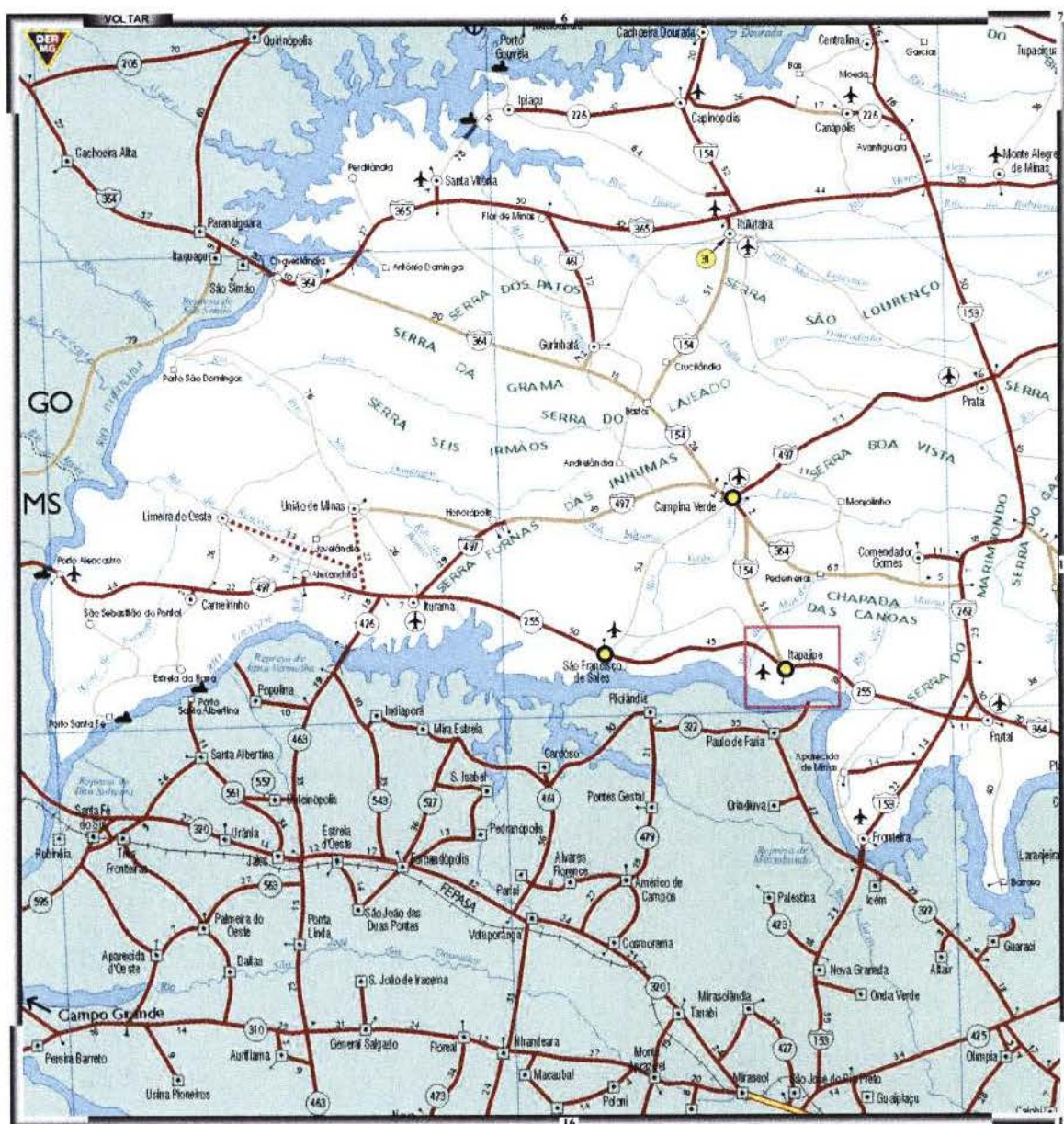
“... É porque, as facilidade da cidade tem todas na fazenda e, aqui é um céu qui nós vive, um aquetamento, um sussego, uma beleza aqui na fazenda, num trocária pur nada, nada, nada, nada.”⁵ (Sr.^a Aparecida Assunção da Silva, pecuarista de gado de corte).

Neste capítulo, procurarei refletir sobre o viver dos pequenos proprietários rurais do município de Itapagipe. O que significa pensar seu vínculo com a realidade sócio-cultural, o que eles trazem em suas narrativas.

O município de Itapagipe é parte integrante da Micro-região do Pontal do Triângulo Mineiro, situando-se à Sudoeste deste, na fronteira de Minas Gerais com São Paulo, separando-se deste último Estado pelo Rio Grande. Este município é banhado ao Sul pelo Rio Grande, a Oeste e ao Norte pelo Rio Verde e ao Leste pelo Ribeirão São Mateus. Limita-se com os municípios de São Francisco de Sales, Frutal, Campina Verde, Comendador Gomes, Prata, Riolândia-SP e Paulo de Faria-SP. Possui uma área de 1788 Km², sendo que 107,5 Km estão submersos após a construção da usina Hidrelétrica de Água Vermelha que foi inaugurada em 1979 e situa-se entre os municípios de Iturama-MG e Guarani D'Oeste-SP. Itapagipe possui uma população de aproximadamente 11.832 habitantes, sendo que menos da metade vive no campo e mais da metade das pessoas que vivem na cidade, possuem algum vínculo com o campo.⁶

⁵ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

⁶ Dados obtidos no site: www.ibge.gov.br. Acessado em 15/10/2005.



Mapa do Triângulo Mineiro, mostrando o município de Itapagipe, retirado do site: www.der.mg.gov.br, visitado em 22/10/2006.

Ao situar Itapagipe geograficamente, pensei que isso facilitaria a localização do município para entender melhor os Estados que fazem divisa e, conseqüentemente, relacionam-se mais com este município. Porque a minha intenção ao realizar esta pesquisa, não foi a de trazer dados do IBGE para classificar a população economicamente, mas se alguns desses dados forem necessários, tentarei pensá-los e problematizá-los, a fim de entender melhor as conseqüências que o econômico pode trazer para o social. Não podemos

trabalhar com dados sem reconhecer, primeiramente, que por trás deles há sujeitos sociais e, baseado nisto, não devemos ficar presos em índices, gráficos e números, mas sim, fazer com que estes expressem a realidade social, vivida por muitos e diferentes pessoas, grupos sociais.

A construção da usina de Água Vermelha, na década de 70, é um fato importante, pois coincide com a época em que data a temporalidade da memória dos sujeitos que aqui foram entrevistados.

Busquei refletir um pouco mais sobre a importância da chegada da eletricidade, através das narrativas dos meus entrevistados. Um destes é a Sr.^a Aparecida. Tanto ela, quanto seus pais e avós nasceram e sempre moraram no município de Itapagipe; seus pais e avós eram agricultores. Ela tem quatro filhos, ficou viúva aos 36 anos de idade, cuidou de seus filhos sozinha e, antes de ficar viúva, era agricultora. Depois da morte de seu marido passou para a pecuária leiteira (fazendo queijo, vendendo leite) e, por último, trabalha com gado de corte. As terras que possui foram deixadas a ela por seu marido. São 20 hectares⁷ de terras, um pouco seu marido adquiriu por herança e a outra parte foi através da renda da agricultura. Perguntei à ela qual seria seu sonho de consumo; se havia algo que ainda não tinha na fazenda e queria ter muito. Ela disse-se que: *“Hoje em dia não, porque tenho tudo que quero e preciso, mais antes da energia chegá aqui eu tinha sonho de ter uma geladeira, sonho de ter uma energia em casa, agente sonhava numa televisão em casa, hoje agente tem tudo”*.⁸

Refletindo sobre a narrativa da Sr.^a Aparecida, podemos perceber que a instalação da eletricidade era algo esperado por pequenos proprietários rurais. Até podemos dizer que, para muitos, isso era um sonho. Este sonho demorou um pouco a ser realizado, comparando-se à algumas regiões do Brasil que se desenvolveram mais cedo; como São Paulo e Rio de Janeiro. A eletricidade chegou na cidade de Itapagipe, após a década de 70, depois da implantação da usina de Água Vermelha, com o controle e distribuição gerenciados pela Prefeitura Municipal. Mas, a zona rural, começou a receber eletrificação somente após a instalação da CEMIG(Companhia de Energia de Minas Gerais) na cidade em março de 1980. Essa, por sua vez, passou a incentivar as pessoas a aderirem aos seus

⁷ De acordo com o site: www.multimidia.prudente.unesp.br/cartosig/glossario/body_glossario.html, 1 alqueire(ha) equivale a 48.400m², e isso em hectares dará 4,84 he.

⁸ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

planos e colocarem energia em suas casas, financiando e facilitando o pagamento das mesmas.

A eletrificação, como outros avanços tecnológicos, foram desiguais no país. Segundo Milton Santos, antes do território brasileiro passar por grandes mudanças nos seus meios técnicos, ele passou por sucessivos estágios de transformações, o Brasil era um verdadeiro arquipélago, pela sua mecanização incompleta:

Poderíamos assim reconhecer diversos momentos em um processo de evolução que é permanente. No primeiro podemos falar do território brasileiro como um arquipélago, contendo um subsistema que seria o arquipélago mecanizado, isto é, o conjunto de manchas ou pontos do território brasileiro onde se realiza uma produção mecanizada. Depois, a própria circulação se mecaniza e a industrialização se manifesta. É somente num terceiro momento que esses pontos e manchas são ligados pelas extensões das ferrovias e pela implantação de rodovias nacionais, criando-se as bases para uma integração do mercado e do território. Essa integração revela a heterogeneidade do espaço nacional e de certo modo a agrava, já que as disparidades regionais tendem, assim, a tornar-se estruturais.⁹

Essa questão do Brasil ter-se tornado um arquipélago mecanizado (devido a uma industrialização incompleta), revelou-se, também, na região do Triângulo Mineiro. Seu desenvolvimento industrial ocorreu de modo posterior a algumas regiões pelo papel que lhe foi atribuído. Esse papel teve início na época da mineração do sul do estado, estando a região do Triângulo Mineiro incumbida de fornecer alimentos para a área mineradora e matérias primas para os estados que se desenvolveram primeiro, como Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo. Mas, segundo Milton Santos, o território brasileiro passou nas décadas de 70 e 80, por uma reorganização produtiva:

Graças aos progressos da ciência e da técnica e à circulação acelerada de informações, geram-se as condições materiais e imateriais para aumentar a especialização do trabalho nos lugares. Cada ponto do território modernizado é chamado a oferecer aptidões específicas à produção. É uma nova divisão

⁹ SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Record, RJ-SP, 2001. PP 31.

*territorial, fundada na ocupação de áreas até então periféricas e na remodelação de regiões já ocupadas*¹⁰.

Com o Brasil passando por uma reorganização de seu território, as áreas que concentram as indústrias passam por uma descentralização. Essas indústrias vão para os Estados que oferecem-lhes maiores condições e benefícios fiscais para a sua instalação. É nessa época que essa a região do Triângulo Mineiro passa por algumas modificações. As indústrias começam a instalar-se nessa região e usinas são criadas para suprir as novas necessidades.

A observação de Milton Santos é bem pertinente para o que começa a acontecer no município de Itapagipe, com a instalação da usina hidrelétrica de Água Vermelha. Cria-se, neste município, condições para que ele possa desenvolver algumas técnicas que antes não era possível por falta da eletricidade. Como por exemplo, moer folhagens para o gado e acordar mais cedo para ordenhar as vacas. Portanto, é um marco que possui uma importância significativa na vida dos camponeses.

A construção da hidrelétrica próximo a Itapagipe e a chegada da CEMIG no mesmo, marcaram uma etapa importante na vida dessas pessoas. Marcou uma série de mudanças que elas teriam que enfrentar e adaptarem-se para conseguir permanecer no campo, como a chegada de grandes empresas investindo na pecuária leiteira e de corte, tornado a agricultura uma atividade sem investimentos naquela região, induzindo praticamente todos proprietários de terra a investir em pecuária, principalmente a leiteira.

A instalação da energia na zona rural desse município só se deu na década de 80, talvez, pelo fato de não ter sido divulgada e estimulada adequadamente pela Prefeitura Municipal. Só depois da chegada da CEMIG, que é uma empresa especializada nesse setor, é que as pessoas da zona rural começaram a ter informação e, conseqüentemente, interesse pela eletricidade.

A história da eletricidade no Brasil é explicada pela urbanização e a necessidade de se criar as primeiras indústrias, paralelamente a expansão cafeeira. Assim, afirmou Milton Santos:

¹⁰ SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Record, RJ-SP, 2001. PP 105

*Paralelamente, o processo de urbanização aumentava as demandas de eletricidade, com a difusão dos bondes elétricos, da iluminação pública e das primeiras indústrias. Entre 1901 e 1910 iniciaram operações 77 usinas, e em 1920 o seu número se elevava a 343, distribuídas fundamentalmente entre os Estados do Sudeste, do Sul e o nordestino Pernambuco...*¹¹

Mas, até os dias de hoje, há no município de Itapagipe, várias propriedades que ainda não possuem eletricidade, muitas vezes por falta de recursos, mas alguns por não acharem necessário. A CEMIG iniciou um levantamento na área rural, em 2003, para levantar a quantidade de propriedades rurais que ainda não possuíam energia elétrica. Esse levantamento é contínuo. Atualmente, Itapagipe possui um mercado potencial de 279 unidades consumidoras. Em agosto de 2006, a CEMIG iniciará o trabalho de eletrificação destas propriedades, através do programa Luz para Todos.¹²

Para obter uma reflexão mais aprofundada das mudanças que estão ocorrendo no campo e as diferentes interpretações destas, conversei com alguns proprietários de terras do município. Destes, o Sr. Moacir, exerceu muitas atividades e, hoje em dia, trabalha com o gado de corte. Tanto ele quanto seus pais e avós nasceram e moraram na fazenda Serra da Moeda no município de Itapagipe. Casado e pai de três filhos, mesmo quando solteiro não exerceu a profissão de seus pais (desnatar o leite, produzindo e vendendo o creme na cidade vizinha), exercendo a profissão de agricultor e amansador de cavalos e bois; depois passando pela produção de queijo, a venda de leite e, novamente, o queijo. A terra que possui veio da herança de seus pais e parte também foi adquirida, posteriormente, através de compra. Trabalha apenas com ajuda da esposa. Possui 22 hectares de terra e não tem empregados. Perguntei como ele via a chegada da energia e de outras máquinas no campo. O Sr. Moacir me respondeu que:

*Antis era melhor, purquê acho que era fácil, hoji é muito custoso; é fácil, mais é custoso. Purque a dispeza é grandi dimais; antigamenti num tinha uma dispeza di uma energia, num tinha uma dispeza dum trator, dum telefoni, dum carro. Mas hoji é mais fácil, mais é mais custoso tê dinheiro.*¹³

¹¹ SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Record, RJ-SP, 2001. PP 38.

¹² Dados cedidos pela CEMIG, por e-mail. Que foram solicitados pelo e-mail :atendimento@cemig.com.br, recebido em 23/02/2006.

¹³ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

Outro, o Sr. Sinval. Tanto ele, quanto seus pais e avós nasceram no município de Itapagipe, mas ele mudou-se para o estado de São Paulo ainda criança. Lá, trabalhou no comércio e como bóia-fria nas lavouras de café e algodão. Ainda jovem, mudou-se para a capital daquele estado, trabalhando como escriturário do Ministério da Agricultura e escrivão da polícia civil. Nesse meio tempo, fez o curso de Direito e, posteriormente, passou no concurso para delegado da polícia civil do Paraná, onde ficou por 16 anos. Ao se aposentar, comprou uma fazenda com 18 hectares no município de Itapagipe e mudou-se para lá. Perguntei como ele viu a chegada da energia e de outras máquinas no campo. Ele disse-me que:

*Eu aprovo isso aí, tanto é que eu tenho acompanhado já algum tempo eu compro revistas especializadas em questões do campo, e eu sou entusiasta disso, acho que essas inovações vieram só para o bem, são muito importantes, facilita muito, a produtividade do campo cresceu demais, as práticas conservacionistas também se modernizaram para melhor, foi algo de extrema importância. O que eu sinto é que falta muita coisa voltada ao pequeno produtor, certas inovações voltadas à ele, embora já tá se vendo o pequeno produtor também, mas o grande avanço tecnológico está voltado para o grande e o médio produtor...*¹⁴

Percebemos que há diferenças entre as duas narrativas. Para o Sr. Moacir, antes da chegada da eletricidade e outras mudanças que ocorreram no campo, era melhor porque ele não possuía muitas despesas. Mas, ao mesmo tempo que afirma que antes era melhor, ele assume que as mudanças facilitaram muito a sua vida. Já na visão do Sr. Sinval, essas inovações foram fundamentais para que o campo se modernizasse, aumentando a produtividade.

Agora, devemos reflexionar um pouco sobre o porquê dessas narrativas serem tão diferentes. O Sr. Moacir, primeiramente, pensou nas despesas advindas com as inovações, mas o Sr. Sinval que, em momento algum, citou as dificuldades em mantê-las, muito pelo

¹⁴ Sinval Gomes Pinheiro. Entrevista realizada em 27/02/2005.

contrário, acha que essas inovações vieram para acabar com as práticas conservacionistas que imperavam no campo.

Temos que analisar primeiramente as diferenças entre as narrativas de um e outro. O Sr. Moacir está falando enquanto pequeno proprietário de terra, que nasceu, sempre morou ali e, principalmente, sempre viveu da renda que o campo lhe proporciona. Já o Sr. Sinval nasceu ali, mas se mudou ainda novo, indo trabalhar em outras atividades não, exatamente, relacionadas ao campo. Ele encontra-se hoje na condição de pequeno proprietário, porém não depende do campo para sobreviver, pois é delegado aposentado e faz do campo uma atividade secundária.

Essas características fazem diferença. Pois, a maneira que o Sr. Sinval percebe as mudanças no campo, não morando nele, quando a maioria dessas mudanças ocorreram, altera totalmente a maneira dele percebê-las. Ele não as vivenciou, como o Sr. Moacir; não teve que mudar o seu modo de viver e os modos de produção para conseguir permanecer no campo. O Sr. Sinval afirma não ter vivenciado essas mudanças, quando ele afirma tê-las acompanhado através de revistas. Então, a sua percepção sobre o assunto resume-se, não em uma experiência de vida, como o Sr. Moacir, sim, através de publicações sobre o assunto. Talvez, seja por isso que sua visão é positivada, no sentido que só analisa as facilidades e os benefícios que as mudanças trouxeram, mas não cita as dificuldades do pequeno proprietário em adquiri-las e muito menos em mantê-las. Pode ser que a versão que interessa para essas revistas, nas quais informou-se, é a de que essas mudanças eram necessárias para que as práticas arcaicas fossem banidas do campo, para que houvesse um aumento da produtividade e da qualidade, as quais não seriam implantadas se as pessoas do campo continuassem com seu conservadorismo e práticas antigas de produção.

O Sr. Moacir narra os acontecimentos, referindo-se à eles antes da chegada de máquinas, eletricidade e outros insumos, e o outro, depois que essas inovações vieram para o campo. Suas referências, seriam até meados da década de 80, quando a energia chegou no município de Itapagipe, mas outros insumos e máquinas já tinham chegado, anteriormente; como, por exemplo, o trator, o arado, o carro, etc.

Uma questão muito importante e também ponto central deste capítulo, é refletir sobre as narrativas dos pequenos proprietários, no tocante a como eles definem a suas ligações com a terra. Para o Sr. Moacir, que adquiriu parte de suas terras através de herança

e outra parte através da compra, as suas posses são familiares durante um longo período e, não só o fato da posse da terra, mas também várias atividades que exerceu no campo durante todo o tempo (como fazer queijo, entregar leite, plantar roças e criar gado de corte), podem influenciar a visão que ele possui da chegada de tantas inovações no campo. Ele possui uma noção de estar, tentar permanecer e viver do campo, muito forte. Por estar toda sua vida morando na zona rural. Essa noção veio sendo formada muitas gerações antes dele e sendo transmitida de pai para filho.

Em relação ao Sr. Sinval, este adquiriu suas terras apenas através da compra e foi para o campo somente em 2002, não exercendo nenhuma outra profissão no campo a não ser a pecuária de corte, o que influenciou muito na sua narrativa. Ele não possui a mesma noção de campo que o Sr. Moacir possui, não criou essa noção de campo vivendo nele e dele mas, sim, veio com ela formada da cidade. Portanto, o significado de posse da terra não é mesma que o Sr. Moacir possui. Aquela noção de herança, costumes e experiências transmitidas ao longo de gerações, o Sr. Sinval não as adquiriu como o Sr. Moacir.

A fim de refletir mais sobre essas mudanças, foi preciso pensar no trajeto de Uberlândia à Itapagipe, que faço pelo menos a cada três meses. Percebi que, além de haver pecuária leiteira e de corte, granjas de porcos e frangos, várias propriedades que se adaptam para o lazer, tornando-se pesque-pagues, bares e restaurantes; temos, ainda, várias propriedades, tanto arrendadas de particulares, quanto pertencentes a grandes grupos, que plantam soja e possuem depósitos para armazenagem de grãos.

No município de Uberlândia em sentido a cidade do Prata, há várias plantações de soja e milho, pertencentes a Cargil. No município do Prata, vemos plantações de eucaliptos e pinhos, que são, tanto da empresa Faber-Castell, quanto da Souza Cruz. Há investimentos em fruticultura como Cutrale, com a sua plantação e beneficiamento da laranja. Há plantações de soja e milho, pertencentes a Cargil e há a Campofert, que além de plantar grãos, como soja e milho, possui um depósito para armazenar a sua e a produção de particulares. Há também plantações de melancia, bastante consumida na região e em outros estados, algumas plantações de verduras como abóbora e pepino. No município de Frutal, há inúmeras plantações de abacaxi, sendo este considerado um dos maiores produtores dessa fruta no país, várias plantações de cana-de-açúcar em terras particulares arrendadas

ou não, pertencentes a usinas de açúcar e álcool, neste município, como também, nos municípios de Uberlândia, Campina Verde, Prata e no próprio município de Itapagipe.

Não basta sabermos quais são, onde e, nem apenas, quando cada um desses grandes grupos instalou-se nessa região mas, acima de tudo, temos que entender qual foram os impactos que a agroindústria trouxe consigo. A chegada dessas empresas na região do Triângulo Mineiro na década de 80, desencadeou um processo de desorganização e exclusão, mas também de resistência, alterando o modo de viver das pessoas que ali residiam.

Na fala dos sujeitos que entrevistei, compreendi que a noção que eles possuíam de campo e de meios de produção, foi alterada por conta da chegada desses grandes grupos, que desorganizaram o modo de viver e de trabalhar deles.

Para refletir sobre as alterações no modo de vida, entrevistei o Sr. Evangelisto. Tanto ele, quanto seus pais e avós nasceram e sempre moraram na fazenda Serra da Moeda no município de Itapagipe. Sr. Evangelisto trabalhava como empregado em fazendas do próprio município, após o casamento, sua esposa recebeu como herança essa fazenda onde vivem; e, anos depois, recebeu outra no mesmo município, alguns quilômetros da primeira, somando um total de 10 hectares de terra. No início, ele desmatou e plantou “roças de toco”, depois, formados os pastos, começou com a pecuária leiteira, fazendo queijo; em seguida, passando à venda de leite aos laticínios de Itapagipe. Ainda hoje, continua na pecuária leiteira, mas implantando, aos poucos, a agricultura em uma de suas propriedades. Perguntei quais as dificuldades que ele enfrenta hoje para continuar vivendo no campo. Ele respondeu:

Óia, as coisa aqui até que num eram muito difícil não. Mais, depois que chegou a energia, as máquina e principalmente agora que a coperativa tá exigino qui a gente compre tanquinho, ordenha e encimente o chão e cubra o teto do curral e passe a comprá um monte produto para fazê a limpeza e ainda ela vêm fazê a vistoria no curral e nu leite da gente. Porque o leite que num tivê du jeitim quês qué num vai prá cidade prá embalá lá na fábrica, as coisa ficô mais difici. Tem muita gente que tá largano de mexê cum leite, o vendeno, arrendano o até mudano pru gadu- di-corti.¹⁵

¹⁵ Evangelisto Paulo Assunção. Entrevista realizada em 24/02/2005.

Perguntei para a Sr. Aparecida, quais as dificuldades que ela enfrenta hoje para permanecer no campo. Ela disse-me que:

Hoje em dia é a arroba do boi que faiz treiz anu qui num sobi. Maisi, issu é prá mim porque prá maiuria aqui é us tanquim e as ordenha ques tem qui comprá. Mais, eu num acho que issu aí foi ruim não. O problema é qui nem todo mundo consegui comprá. Mais ainda a coperativa dá opção prá esses. Quem num têm, aí é carregá prá onde tem; de todo jeito ainda tem que carregá é, a própria pessoa que tem que carregá, porque aí a laticina num busca, só pega nus tanquim, mais ainda tá seno opção nossa aqui; mexeu cum maracujá, num deu certo, uns mexeu cum bacaxi, perdeu lavora di bacaxi aí sem buscá nenhum bacaxi; intão é aquilo que tá vendeno, é o dinheiro mensal que todo mundo tá teno.¹⁶

Na narração do Sr. Evangelisto percebemos que a noção que ele tinha do campo, antes de todas essas mudanças, é completamente diferente da que ele possui hoje. A vida no campo era menos complicada, sendo mais fácil sobreviver nele. Mas, com a chegada da energia e das máquinas, que precisaram ser compradas por eles, o viver no campo mudou muito e está ficando cada vez mais difícil.

O Sr. Evangelisto possui uma noção do que é ter a posse da terra, um pouco semelhante da Sr.^a Aparecida. Por terem a adquirido da mesma forma, ao casarem e por heranças vindas de seus cônjuges, mas com uma diferença. A Sr.^a Aparecida veio a adquirir realmente, quando ela ficou viúva e teve que cuidar de tudo que seu esposo deixou, inclusive de seus quatro filhos.

Em sua fala, o Sr. Evangelisto, se utiliza do tempo social para marcar a sua narrativa, para dizer como está a sua vida no campo, é o de se referir ao ano de 2002, quando a cooperativa de Itapagipe, empresa para qual ele vende seu leite, começou a reestruturar as suas normas de higiene, produção e coleta do leite com base na Normativa 51 (normas que começaram a ser implantadas pelo Ministério da Agricultura, da Pecuária e do Abastecimento, em 18/09/2002). Já o tempo utilizado pela Sr.^a Aparecida é o do preço da arroba do boi que, segundo ela, faz três anos que não aumenta.

¹⁶ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

São tempos que a esses sujeitos sociais se utilizam para deixar bem claro a insatisfação que estão passando nesse momento. Podemos, perceber que são fatos, relativamente “recentes” para história, mas que marcam muito a vida dessas pessoas.

Na narrativa da Sr.^a Aparecida que, apesar de não mais trabalhar com pecuária leiteira, ainda assim, deu a sua versão para os problemas que a maioria das pessoas que ali vivem estão enfrentando, referindo-se à dificuldade dessas pessoas como se não fosse tão grande quanto a dela. Pois, para ela, o preço da arroba não aumentar há mais de três anos é um absurdo, mas a dificuldade que os pecuaristas do leite estão passando para adquirir os tanques de expansão e outros insumos, a fim de continuarem trabalhando nesta atividade, não é muito grande, pois a cooperativa dá a opção de que eles coloquem o seu produto em tanques comunitários. Mas, ela se esquece de quem não conseguiu adquirir um tanque de expansão e não dispõe de meios de transporte para ir até um tanque comunitário.

Essas adaptações, pelas quais os pequenos proprietários têm que passar, estão fazendo com que muitas pessoas mudem de atividade ou até mesmo arrendem suas terras, ou mesmo, vendam-nas. A concorrência, que os pequenos proprietários tentam travar com os grandes grupos, dificilmente, conseguem ganhar. Muitas vezes, para esses proprietários não terem que vender a sua terra, têm que optar por uma atividade não desenvolvida pelos grandes grupos próximos a ele.

Tentemos pensar como era esse trajeto antes da chegada da agroindústria na região. A vida dos proprietários deveria ser muito diferente. Eles não precisavam preocupar-se em investir em insumos agrícolas e infra-estrutura para aumentar a produtividade e melhorar a qualidade da produção. Viviam e produziam de acordo com suas necessidades e possibilidades, valendo-se da maneira de produzir que seus pais e avós ensinaram-lhes; a época de preparar a terra, plantar e colher era ditada pelo tempo que eles aprenderam com seus antepassados e não pela época em que o preço da mercadoria estará melhor. A hora de acordar para ir trabalhar era ditada pelo “cantar do galo” ou o “raiar do sol”, e não pelo caminhão que vai logo cedo na fazenda para buscar o leite ou pelo dia e horário da entrega dos produtos na cidade. Muitos costumes foram alterados e muitas noções, como a do lucro¹⁷, por exemplo, foi sendo substituída.

¹⁷ Entendo por lucro: o produto líquido de uma produção. É o que nos restará, depois que pagarmos todas as contas e subtrairmos o valor investido.

A chegada da agroindústria e dos grandes grupos do agronegócio nessa região, aliada à novas normas que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento lançaram em 18/09/2002, estão trazendo consequências bem visíveis. A explicação para essas novas normas, é de que há uma necessidade de aperfeiçoamento e modernização da legislação sanitária federal sobre a produção de leite. Segundo a Normativa 51:

*Entende-se por leite, sem outra especificação, o produto oriundo da ordenha completa, ininterrupta, em condições de higiene, de vacas sadias, bem alimentadas e descansadas. O leite de outras espécies deve denominar-se segundo a espécie da qual proceda.*¹⁸

De acordo com a regras da Normativa 51, o leite deve ser:

*...transportado em carro-tanque isotérmico da propriedade rural para um Posto de Refrigeração de leite ou estabelecimento industrial adequado, para ser processado. O processo de coleta de Leite Cru Refrigerado a Granel consiste em recolher o produto em caminhões com tanques isotérmicos construídos internamente de aço inoxidável, através de mangote flexível e bomba sanitária, acionada pela energia elétrica da propriedade rural, pelo sistema de transmissão ou caixa de câmbio do próprio caminhão, diretamente do tanque de refrigeração por expansão direta ou dos latões contidos nos refrigeradores de imersão. O tempo transcorrido entre a ordenha inicial e seu recebimento no estabelecimento que vai beneficiá-lo (pasteurização, esterilização, etc.) deve ser no máximo de 48h (quarenta e oito horas), independentemente do seu tipo, recomendando-se como ideal um período de tempo não superior a 24h (vinte e quatro horas).*¹⁹

As normas são bem específicas e detalhadas também em relação as instalações na fazenda:

Instalações: deve existir local próprio e específico para a instalação do tanque de refrigeração e armazenagem do leite, mantido sob condições adequadas de limpeza e higiene, atendendo, ainda, o seguinte:
 - *ser coberto, arejado, pavimentado e de fácil acesso ao veículo coletor, recomendando-se isolamento por paredes;*
 - *ter iluminação natural e artificial adequadas;* - *ter ponto de água corrente de boa qualidade, tanque para lavagem de latões (quando utilizados) e de utensílios de*

¹⁸ Retirado do site: www.ufpe.edu.br/faem/deta/microbial/artleite.pdf visitado em 22/11/2006.

¹⁹ Idem. Idem.

coleta, que devem estar reunidos sobre uma bancada de apoio às operações de coleta de amostras;
*- a qualidade microbiológica da água utilizada na limpeza e sanitização do equipamento de refrigeração e utensílios em geral constitui ponto crítico no processo de obtenção e refrigeração do leite, devendo ser adequadamente clorada.*²⁰

Portanto, as regras são bem específicas, fazendo com que todos produtores de leite tenham que se adequar rapidamente à elas. Em Itapagipe, isso não foi diferente. A cooperativa agropecuária, à qual quase todos deste município entregam leite, começou a estimular estas mudanças, assim que a Normativa 51 entrou em vigor. E, a partir daí, ela começou a ter uma mudança no seu quadro de cooperados. No ano de 2002, ela tinha mais de 900 cooperados, em 2004 este número caiu para 800 cooperados, em março de 2005 veio para 794 e em 2006 caiu para 700 cooperados.

Mas esta mudança no quadro de cooperados, não se deu apenas pelas novas normas de higiene e armazenamento do leite. O preço deste produto também influenciou muito nessa diminuição de cooperados. Em 2006, o preço do leite esteve entre R\$0,28 e R\$0,30, somente alcançando R\$0,32 para latão e R\$0,42 para tanquinho nos meses de extrema seca, agosto, setembro e outubro.²¹

Itapagipe, por ser um município pequeno e limitado em muitos recursos, mantém alguns vínculos constantes com alguns grandes, médios e pequenos centros comerciais de outras cidades, como: Campina Verde, Frutal, Uberlândia, Uberaba, Barretos e São José do Rio Preto. Esses vínculos são principalmente nos setores de armazenagem de grãos, educação, compras, concertos em geral, lazer, serviços bancários e principalmente, saúde.

Para pensar um pouco mais sobre as relações desse município com outros municípios do próprio Estado e de Estados vizinhos, perguntei a Sr. Aparecida, quando ela não encontra algum tipo de material para comprar ou precisa ir a um médico que não há em Itapagipe, o que ela faz. Ela me disse que:

É muita coisa que nós num acha aqui. Quando num acha eu vô até Bérlandia. O meu médico é de lá, eu também comprou roupa, calçado lá, tenho família lá, as minhas

²⁰ Retirado do site: www.ufpe.edu.br/faem/dcta/microbial/artleite.pdf visitado em 22/11/2006.

²¹ Dados cedidos pela COPAPI-Cooperativa Agropecuária de Itapagipe-MG., em 27/12/2006.

*neta moram lá. Não que aqui num tem ropa e calçado, mas lá é bem mais barato. Vô também em Rio Preto, Béraba, Frutal. Ondi qui tivé qui i eu vô prá buscá u qui eu queru.*²²

Perguntei também ao Sr. Sinval o que ele faz quando quer comprar um determinado produto ou ir em um médico que não há em Itapagipe. Ele me narrou que:

*Olha, eu já praticamente não dependo de nada de Itapagipe, pois a minha fazenda é bem próximo a Campina Verde. Mas quando eu quero alguma coisa que não tenha em Campina Verde, ou eu vou até Uberlândia e se lá não tiver alguma determinada marca ou pode ser um médico de confiança, eu vou até São Paulo ou Curitiba. Porque são cidades que eu conheço muito bem e também tenho familiares e amigos lá, aí eu uno o útil ao agradável.*²³

Percebemos na fala, tanto da Sr.^a Aparecida, quanto na do Sr. Sinval que, ao não encontrar um determinado produto em Itapagipe ou em Campina Verde, eles vão até uma cidade vizinha para adquiri-lo. Mas vão, principalmente, em uma cidade em que haja vínculos familiares, seja perto ou não do município.

Mas, apesar de ter suas limitações, Itapagipe passa hoje por grandes transformações, tanto no campo quanto na cidade, pois está funcionando, desde maio de 2006, uma usina de açúcar e álcool. Ela trouxe consigo várias mudanças. Muitas pessoas, que moravam e trabalhavam no campo, mudaram para a cidade para trabalhar na usina; muitos deixaram de plantar, de criarem gado, tirar leite e arrendaram suas terras para a plantação de cana-de-açúcar, ou estão plantando com intuito de vender para a usina, despedindo seus empregados e mudando para a cidade para procurar trabalho. Estão abrindo mais bancos na cidade, mais empresas, como granjas e tecelagens; o comércio e os setores de saúde e educação estão sendo melhorados e ampliados. É muito cedo para pensar que Itapagipe conseguiu, ou está perto de conseguir, um pouco de independência em relação aos grandes e médios centros comerciais, mas está caminhando para isso.

Para entender melhor a relação que os meus entrevistados tinham com a terra, é que busquei primeiro entender a relação que seus pais tinham com ela. Assim, perguntei a

²² Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

²³ Sinval Gomes Pinheiro. Entrevista realizada em 27/02/2005.

Evangelisto como era a vida de seus pais naquele município e o que eles faziam para sobreviver. Para tentar entender a diferença de sua vida e a de que seus pais viveram. Ele me disse que:

Ah, o papai sempre tocou lavora, roça de arroz, milho, feijão, só prá sobrevivência da família. Antigamente era muito difícil de vendê a produção não tinha como transportar, agente mora meio longe de alguma cidade grande e não tinha estrada por aqui,; as veisi me alembro de vê meu pai pegá tuia de feijão, balaiada de feijão e jogá fora, que sobrava dum anu pru outro. E num tinha como vendê, porque todo mundo plantava também, até os da cidade tinha um quintal no fundo de casa ou tinha um pedaço de terra mesmo e plantava também, a única coisa que ainda conseguia vendê era capado gordo, porco gordo.²⁴

Ao ouvir a fala do Sr. Evangelisto, temos que questionar um pouco a vida de seus pais. Não podemos simplesmente afirmar que algo mudou. Temos que verificar o porquê dessa mudança e os impactos trazidos por ela. Quando ele refere-se ao seus pais plantarem para a subsistência de sua família, justificando essa prática, por falta de estradas, de meios de transportes, por quase todos inclusive da cidade, plantavam alimentos em seus quintais e por não morarem próximo a uma cidade grande, que isso que dificultava a comercialização desses produtos.

Temos que pensar também que, até nos dias de hoje, mesmo tendo meios para escoar e transportarem a produção, com a implantação e pavimentação das rodovias, os grandes centros estão cada vez mais próximos, eles continuam há não plantarem, agora, nem mesmo para sua própria sobrevivência. Essa prática anterior de plantarem para a sobrevivência da família, com dificuldades em vender o excedente da produção, que seria descartado ao longo do ano, pode não lhe ter sido transmitida. Seus pais e avós plantavam para a subsistência da família e, se houvesse excedente, não se sabia o que fazer com ele, por que muitos na região também plantavam. Mas, não em larga escala e nem com o intuito de vender o excedente.

A questão do vínculo com o trabalho e com a vida é muito importante, pois eles não estão naquele lugar sem motivo. Eles nasceram lá, seus pais, avós e bisavós, também. Eles

²⁴ Evangelisto Paulo Assunção. Entrevista realizada em 24/02/2005.

moram ali por que possuem, na memória, uma história daquele lugar, da qual eles sentem-se autores. Não se transmite apenas bens materiais, mas também muitas experiências e costumes que foram passando de pai para filho, e de avô para neto. Além da terra, da herança, seus pais e avós deixaram-lhe a satisfação de viver e permanecer no local, deixaram-lhe, ainda, as crenças. Ensinar-lhe a trabalhar, gostar e respeitar a terra.

Assim, afirmou Thompson:

Na sociedade rural, mas também nas áreas manufatureiras e mineiras densamente povoadas (as regiões produtoras de tecido do Oeste da Inglaterra, o território dos mineradores de estanho da Cornualha, O Black Country), encontramos uma herança importante de definições e expectativas marcadas pelo costume. O aprendizado, como iniciação em habitações dos adultos, não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações.²⁵

Para Thompson, os costumes são transmitidos dentro da família, de pais para filhos, avó para neta, etc. assim, como nos ofícios que não possuem um aprendizado formal. As tradições perpetuam-se, em grande parte, mediante à transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas.

Para refletir como tem sido a vida desses pequenos proprietários, no campo, é que perguntei ao Sr. Evangelisto, quais as atividades que ele já realizou para sobreviver. Ele respondeu-me que:

No tempo de solteiro eu trabalhava de empregado como tratorista, mas tocava roça e assim que eu acabava o serviço de trator acabava o emprego também, aí eu já ia tocá roça, as lavora. Assim que eu casei em setenta e cinco, e em setenta e sete me mudei prá qui onde eu moro; aqui era tudo mato, intão eu dismatei, formei a terra, até dismatá e formá eu toquei roça di toco, do momento que eu toquei as roças e formei a terra, eu parei com a lavora, e aí eu passei prá pecuária, fiz queijo á princípio e depois é que eu entreguei o leite. Mais hoje em dia além do leite eu também tentei plantar café e pimenta-do-reino, não deu certu e agora eu tô com muitos pés de coco-da-Bahia e vamos ver se vou conseguir vendê agora.²⁶

²⁵ THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Introdução. SP: Companhia das Letras, 1998. PP 17.

²⁶ Evangelisto Paulo Assunção. Entrevista realizada em 24/02/2005.

Na narrativa do Sr. Evangelisto, fica claro o episódio que mudou completamente a sua vida, foi o fato de ter se casado em 1975. Porque, antes disso, ele trabalhava como empregado em fazendas da região e, depois de se casar, a sua esposa recebeu uma herança, modificando o seu quadro de trabalhador rural para proprietário de terra. Assim, ele utiliza-se desse marco para classificar a sua vida, antes e depois do casamento. Ao afirmar que era tudo mato, que desmatou e formou os pastos, refere-se àquele local como pouco povoado. Esta visão de que a herança é um desmembramento de algo maior, assim como aconteceu com maioria das terras, onde o latifúndio, após a morte dos donos, foi transformado em médias e pequenas propriedades, dependendo da quantidade de terras e filhos que os proprietários possuíam.

Uma questão muito interessante a ser analisada, é a noção que o Sr. Evangelisto possui de produzir e vender. Quando ele fala que a sua plantação de coco da Bahia já está dando frutos e, agora, só falta verificar se haverá comprador para ela. Parece que ele não produziu, primeiramente, pensando nos lucros que teria com a venda desses cocos. Pois, ao relatar que sua plantação já está produzindo e ele não possui compradores para ela, supõe-se que ele não tenha feito um levantamento da procura de mercado na região; ao contrário de um grande grupo ou de um proprietário que esteja ligado à grande indústria e queira produzir em larga escala. Primeiramente, fazem uma pesquisa para saberem se o produto terá boa aceitação naquela região, verificam, mesmo, se o produto consegue conservar-se por um determinado tempo para, depois, produzi-lo no local e transporta-lo para outras regiões.

Ele pode estar também tentando demonstrar a dificuldade encontrada ao receber herança, e querer deixar claro que, apesar de tê-la adquirido sem custo algum, a princípio, a ele teve muito trabalho para deixá-la “no ponto” para produzir; pode querer afirmar também que só recebeu a terra, e tudo que tem produzido nela agora, foi fruto de seu empenho e trabalho.

A questão da posse da terra deve ser analisada a fundo. É uma questão que problematizei mais, porque, além de ser muito interessante ver o sentimento deles com relação à posse da terra, como a adquiriram e quais os valores que já vieram atribuídos à essa posse. Por outro lado, o município de Itapagipe, assim como vários outros municípios espalhados pelo Brasil, estão passando por uma desorganização em sua lógica de produção

e também de vida, por conta das usinas canavieiras que estão sendo disseminadas pelo Brasil, sendo que nessa região do Sudeste, essa disseminação está ocorrendo mais intensamente. Elas instalam-se e, logo, a paisagem é modificada, a monocultura começa a ser estimulada e propaga-se inevitavelmente.

Os arrendamentos são uma prática bem difundida entre essas usinas. A compra é em casos raros. Pois, ganha-se muito mais arrendando do que comprando, porque não se tem muitos refletir sobre essa questão, o que leva uma pessoa a abrir mão de sua propriedade, arrendando-a e deixando de produzir, conversei com o Sr. João, que, apesar de já ter realizado essa prática, antes da usina instalar-se no município de Itapagipe, permite-nos entender um pouco de arrendamento.

Mas as mudanças que estão acontecendo no campo não são apenas no sentido de inovações tecnológicas que estão chegando no campo, mas também temos pessoas que vivem no campo, não trabalham nele, mas dependem dele, pois arrendaram as suas terras para terceiros. Pensando nisso é que cheguei até o Sr. João, que mora na cidade, mas sobrevive da renda retirada do campo. Ele tem 65 anos, seus pais e avós nasceram no município de Itapagipe e ele morou no campo por mais de 35 anos, até que percebeu que arrendar a sua terra e mudar-se para a cidade seria mais lucrativo. Tem 3 filhos, seus pais e avós eram agricultores; ele, antes de mudar-se para a cidade, também foi agricultor e, posteriormente, pecuarista de leite. Com a renda que teve da agricultura conseguiu comprar 17 hectares mas, depois de perder a sua produção por cinco anos seguidos, teve que vender algumas de suas terras, arrendou outras e plantou novamente até que conseguiu comprar mais 20 hectares; depois, foi para a pecuária leiteira e, há uns 30 anos, arrendou suas terras e, há três anos, conseguiu adquirir uma fazenda em Tocantins com 86 hectares. Perguntei ao Sr. João se arrendar a sua terra era uma prática que compensava financeiramente. Ele respondeu que:

Eu acho que o arrendamento dá mais prá sítio piquenu. Bem entendido, prá sítio piquenu, agora esses sítio grandi aí, porque o meu é piquenu, prêsses sítio maió aí eu num falo nada, num posso ti dizê nada; mais eu acho que tá todo mundo trabalham no vermeio, acho qui tá todo mundo assim. Porque o custo da roça, o insumo da roça tá caro de mais e o valor do mantimento num vali nada, tanto do

*leite , como do mantimento todo, soja, o arroz, o milho num tem preço e o Governo num ajuda nós cum nada.*²⁷

Na visão do Sr. João, o arrendamento foi uma saída viável para as dificuldades que ele tinha em ficar no campo; arrendou e foi para a cidade. Seus filhos conseguiram emprego e ele continuou vivendo do campo, mas sem precisar trabalhar nele. Essa prática de arrendar as terras e mudar-se para a cidade é uma prática antiga e comum não só em Itapagipe mas, agora, com a implantação da usina de açúcar e álcool, essa prática está acontecendo em larga escala. Pois, para poder manter uma produção que compense, é necessário uma área muito grande de plantações de cana-de-açúcar e, geralmente, as usinas não compram as terras, somente arrendam, o que não está sendo diferente em Itapagipe. Só que as pessoas que arrendam esquecem-se que a usina somente não compra propriedades para produzir cana-de-açúcar porque, após vários anos de plantio, a terra fica totalmente esgotada e pobre de nutrientes, sendo preciso muito tempo e investimentos para recuperá-la, o que não faz parte da lógica do capitalismo, que prega muito lucro a custo muito baixo.

Assim, as usinas fazem contratos de no máximo 10-15 anos, dependendo do estado de conservação da terra, pois este é o tempo em que a propriedade dará bons lucros. Após esse tempo, a terra já estará esgotada, por ter sido utilizada, ininterruptamente, para monocultura; quando é devolvida ao seu dono. Esse por sinal, não havendo outra saída, por estar sem a renda mensal que o leite lhe proporcionava, voltará para a pecuária, já que sem a sua propriedade passar por uma boa adubação e descanso, não servirá para a agricultura em pouco tempo.

Muitos têm arrendado suas terras, não contribuindo, em quase nada, para a melhoria do país, já que não está produzindo e, muito menos, pagando impostos; reclamam, ainda, do Governo atual e acham um absurdo o MST(Movimento dos Sem Terra) ter direito e acesso à terras improdutivas. Será que esse sujeito não percebe que a sua terra também é improdutiva? Pelo menos por parte do proprietário que não a cultiva. Mais, o pior não é isso, o arrendatário, após o vencimento do contrato, precisará da ajuda do Governo Federal para a obtenção de financiamentos, para produzir algo em sua propriedade. E requererá um

²⁷ João Ferreira da Cunha . Entrevista realizada em 16/02/2005.

financiamento ao Governo, dificultando que os proprietários que permaneceram no campo produzindo, mesmo quando as dificuldades eram grandes, e também os Sem-Terra, que lutaram por um local onde pudessem plantar e, agora, precisam de financiamentos para poderem investir na propriedade, consigam um financiamento.

Como afirmou o Sr. João, quando conversávamos sobre os problemas atuais enfrentados pelos pequenos proprietários de terra. Ele disse-me:

Não, as pessoas tão perdeno é muito alquer de roça de mio; o moço lá das Duas Ponte, perdeu é dizesseis alquer de mio. A lavora, o pió da lavora é isso, é o risco de soli, chuva, di mais istragá; soli istraga, intão quer dizer que a lavora é o trem mais arriscado e choveu um mês mais de mês sem pará, mais agora faz uns vinti dia que num chovi, já tá perdeno as lavora tudo, num tem lucro prantá lavora pra fazê isso. As coisa tem que sê igual o Lula tá quereno, ninguém podi sê dono di terra não, por causa desses possero que tá entrano, que ninguém pode sê dono tem que todo mundo tê terra, até mesmo os possero tem direito. E os possero, num quer esses lugá longi e di poco ricurso. Eles pegam aquelas fazendas que estão prontinhas, que não tá aquele mato, né. É, eles qué aquês lugá di ricurso, ês num qué prucurá aquês lugá longe pra ês é trabaia, é fazê a vida dês; não igual nós feiz, que nós pegô tudo que foi difircudade, ês já qué pegá os trem mais, mio. Ês põem fogo né até ni arve assim, derrubanu, pono fogo ni arve lá suzinha, num é mato nem nada. Iguali esses que sem- terra qui tem seti alqueri ali em campina verdi, si trabaia dá prá vivê. É só se ele num quizé trabaia e fica pobre lá dentro, morre di pobre dentro.²⁸

Mesmo que o Sr. João não tenha arrendado sua terra para uma usina, a lógica do arrendamento, de ter deixado de lado a posse da terra e os significados que vêm embutidos nela, de ter deixado de produzir, de lutar para permanecer no campo, é a mesma de tantos outros proprietários pelo país que abrem mão da condição de homem do campo, arrendam suas terras e mudam-se para as cidades, deixando para trás costumes, lembranças e experiências que vieram de pais, avós, etc.

Para entender o caso do Sr. João, perguntei á ele, o que o levou a arrendar a sua terra. Ele me relatou que:

²⁸ João Ferreira da Cunha . Entrevista realizada em 16/02/2005.

Quando eu comecei na agricultura, então eu comprei uma terrinha de 17 alqueires; fui desmatá ela, dismatei tudo e perdi pur cincu anus a lavora, tivi qui vendê di vortá; vendi ela tudu, depois eu voltei a tocar roça di novo lá na Água Amarela, terra arrendada, foi aonde eu saí do buraco foi lá e consegui comprá mais um pedacinho de terra; aí eu voltei prá trais e, comecei a tocar roça e aquilo acabou, aí eu passei prá pecuária, passei prá pecuária e foi bem até uma certa distancia, depois aí vortô, invêis de melhorá, vortô, aí foi o caso que eu arrendei as terra e vim prá cidade.²⁹

Vemos que a posse da terra para o Sr. João não é uma questão de herança. Ele comprou-a, vendeu e teve que viver um tempo em uma propriedade arrendada, até poder adquirir uma nova propriedade. Será que para o Sr. João o fato de não ter adquirido a sua propriedade através de uma herança e precisar trabalhar muito para conseguí-la, influenciou na sua decisão de arrendar a sua terra? Ou será que seria pelo fato de ter se desiludido tanto com o campo, pois perdeu tudo o que tinha, e teve que arrendar uma propriedade para conseguir reerguer-se e adquirir o que possui hoje?

²⁹ João Ferreira da Cunha. Entrevista realizada em 16/02/2005.

Capítulo II

ESTRATÉGIAS PARA PERMANECER NA TERRA E AS RELAÇÕES COM A COOPERATIVA.

“Larguei o queijo porque era mais trabaoiso. Num tinha o que fazê , era difíci aquês queijo, tinha que vim compradô de Barretos prá comprá, di Riberão Preto que aquês compradô vinha uma veiz por semana, di cada quinzi dia prá buscá aquês queijo. Intão agente sonhava com vendê o leite cumo hoje todo mundo já vende , é o leite porque o queijo é muito trabaiososo. Mais, o leite eu deixei de vendê leite, o trato das vaca é muito caro, mais inda cumpensa, mais pagá pião aí a recumpensa ficava menos e, num podia tê muito gado porque o chão era piquenu, intão foi mió pará e passá prá gado macho, que aí o gasto é menus, o trabaio é menus. As veis apresenta mais quando vende, enfins que o leite dá mais que o gado macho, mais como eu sou sozinha a minha dispeza é piquena, o gado macho prá mim tá bão, dá prá mim mantê e dá menos sirviço.”³⁰
(Aparecida Assunção da Silva, pecuaristas de gado de corte).

Neste capítulo, pretendo refletir sobre como os pequenos proprietários rurais entrevistados apresentam sua relação com a terra e o trabalho, como eles percebem as mudanças que estão ocorrendo em seus modos de vida e o que fazem em suas vidas para além do trabalho.

Muitas vezes, as decisões, que temos que tomar em nossas vidas, podem não ser as mais certas, mas, às vezes, somos induzidos ou pressionados a tomá-las, o que, talvez, explique a questão do arrendamento da terra e de outras mudanças que os pequenos proprietários são obrigados a enfrentar para poderem permanecer em suas propriedades. Por

³⁰ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

não encontrarem uma opção mais efetiva, eles adaptam-se a certas situações ou tomam a primeira decisão que lhes é oferecida.

Para poder refletir um pouco mais sobre as atividades realizadas por estes trabalhadores, perguntei ao Sr. Moacir, quais as atividades ele já realizou para sobreviver. Ele relatou-me que:

Toquei muita roça prá mim mesmu, perdi roça, colhi muito arroz em pouco chão, tudo eu fiz, mansei cavalo, mansei boi, tudo eu fiz, intreguei leite por 20 e tantos anos e fiz queijo. Agora eu mexo com o gadu di corti e também faço uns 4 à 5 queijo por dia. Porque eu preciso de uma renda todo meisi e o gadu di corti não me dá essa renda.³¹

A narração do Sr. Moacir, que nunca trabalhou como empregado, nem recebeu a terra que possui como herança, é diferente da maneira de analisar do Sr. Evangelisto (como já foi expressa no capítulo anterior na página 36). Ele fala de seu trabalho como sendo algo que fez para ele e sua família, referindo-se que não precisou trabalhar para ninguém. Para sobreviver, sempre contou com os seus meios de produção.

Então, em sua narrativa, percebemos que, se obteve lucros colhendo arroz, ou prejuízos perdendo toda a plantação, eram suas as terras; portanto, seus os prejuízos e os lucros. Isso, faz-nos pensar na independência e na liberdade em ousar, que ele possui, diferentemente do Sr. Evangelisto, que somente teve essa experiência, depois que se casou. As diferenças entre essas duas narrativas estão exatamente aí. A relação que cada um tem com a terra, o trabalho e a produção, é diferenciada, porque eles possuem vivências distintas.

Após ter feito essa pergunta, foi necessário perguntar também o que aconteceu para que o Sr. Evangelisto mudasse algumas vezes de atividade. Ele relatou-me que:

Eu parei de tocá roça, primeiro é porque já tava mesmo acabano, o pessoal aqui tocava roça até formá as terra, e as terra foi formano, fô acabano as lavora, intão aí agente partiu prá pecuária. Eu tô vendo o pessoal que tá mexendo com soja,

³¹ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

estão se ferrando por aí; quem mexe com milho até que vendi, que seja mais barato, mais vendi tudo; agora esse ano de 2005 quem plantô lavora de milho, tá perdeno tudo, pois está faltando chuva e quem tá agora em fevereiro as lavora que tá granano, agora tá tudo perdeno por aqui, as terras são boas produz muito bem, mas faltou chuva. Depois eu deixei de fazê o queijo porque aí o gado foi aumentado e o leite também aumentô, aí ficava difícil fazê queijo daquilo tudo, intão passô a vendê o leite. E como o leite não tá dano prá vivê eu tô tentando diversificá. Mais num pretendo largá o leite pur enquanto não, porque é uma renda que muito o pouco, eu tenho garantida todo meis.³²

Nesta fala, o Sr. Evangelisto, refere-se às dificuldades de continuar na agricultura. Ele cita que deixou de plantar roças no início da sua vida de casado, não porque estava tendo prejuízos, mas porque todos que moravam próximo a ele, plantavam somente até formarem seus pastos (essa é uma prática utilizada ainda hoje pelos proprietários de poucas terras; desmatam e plantam as “roças de toco” _ que nada mais é do que a terra recém desmatada com os troncos das árvores cortadas que, posteriormente, ao não estar a terra mais tão fértil, serão arrancados por um trator de esteiras; formando, assim, pastagem para o gado). A formação de pastos ocorre após a terra ficar gasta e precisar de adubos e defensivos agrícolas para se produzir. Como a maioria recebeu de herança ou comprou fazendas com mata nativa, esta era uma prática recorrente.

No início, não havia prejuízos, mas, em suas palavras, nota-se que, ultimamente (como no ano de 2005), a agricultura não “está compensando”, pois o clima instável e a crescente necessidade de utilizar-se de mais insumos agrícolas estão desanimando quem ainda insiste nesta atividade em Itapagipe.

Assim, é também a prática de fazer queijos. Além de ter o trabalho de ordenhar as vacas, fazer o queijo, lavar e levá-los à cidade, existe o trabalho de procurar pessoas para comprá-los, reduzindo o tempo livre da pessoa. Por isso, muitos abandonaram essa prática.

Refletindo sobre este tipo de atividade, que requer muita dedicação e tempo, perguntei, também, para a Sr.^a Aparecida o que a fez mudar de atividade. Ela disse-me que:

³² Evangelisto Paulo Assunção. Entrevista realizada em 24/02/2005.

Antes do meu marido morrê , nós mexia cum roça, aí depois em viúva fiz o queijo, foi muito trabáio, mais até que as laticina chegô na nossa porta, que num tinha istrada, quando feiz istrada lá na minha porta meus vizim ainda ficô carregano leite prá levá lá em casa, mais di anu, até que feiz istrada prá i na casa deles. O queijo é muito trabaioso, num intregueio leiti antes, porque num tinha como e agora tô vendeno boi porque dá mesnos trabaio prá mim qui sô sozinha.³³

Na narrativa da Sr.^a Aparecida é perceptível que o marco da mudança em sua vida não foi apenas o casamento, quando o seu marido herdou terras da família e também conseguiu comprá-las com lucros da agricultura, mas, principalmente, a sua viuvez. Foi quando ficou viúva, aos 36 anos, que se viu obrigada a cuidar sozinha de quatro filhos. Como seus filhos eram pequenos e ela não dispunha de recursos para contratar funcionários, a princípio, foi para a pecuária leiteira, fazendo queijo, porque não encontrara outra opção, pois não havia laticínios nas cidades vizinhas, nem estrada para transportar o leite. No entanto, percebeu que esta atividade também era trabalhosa, assim como a agricultura. Quando foram feitas estradas e laticínios iniciaram seu funcionamento, ela mudou de atividade novamente, pois, nesta época, seus filhos estavam maiores e puderam ajudá-la. Isto possibilitou um aumento na produção. Após vários anos, seus filhos casaram-se, mas ela insistiu por algum tempo na pecuária leiteira. Agora, com a ajuda de um empregado, trabalha com o gado de corte.

Com a finalidade de entender se há alguma relação entre a quantidade de terras que cada um possui e a atividade que realizam, perguntei ao Sr. Moacir quantos hectares possui e como os adquiriu. O Sr. Moacir respondeu-me que: *“Num pussuo muito não. Devo ter uns 22 alqueri, um poco herdei do meu pai e também consegui comprá mais argum.”³⁴*

Nas palavras do Sr. Moacir, percebemos que o motivo principal de morar na zona rural e não em outro lugar, é a herança que seus pais deixaram-lhe, a mesma que seus avós deixaram para os pais dele. Foram apenas duas entrevistas (Sr. Sinval e Sr. João) , em que a herança não foi condição fundamental para a permanência dos sujeitos naquele município.

³³ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

³⁴ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

Ao procurar por alguém que tenha morado fora e, após comprar sua fazenda, mudado para o município de Itapagipe, encontrei-me com o Sr. Sinval. Perguntei-lhe quantos hectares ele possuía e como os adquirira. Ele disse-me que:

Adquiri através da compra 18 hectares de terra. Isso era um sonho que eu alimentava, acredito que desde adolescente, que queria ter uma terra para mim, sempre gostei muito de lidar com plantas, com animais e tudo; mas acreditava que isso era uma coisa muito remota, quase que uma utopia, e posteriormente vi que havia esta possibilidade e consegui um chão, e vi que além de realizar um antigo sonho, que passou a ser um hobby, que passou a ser minha atual profissão, onde eu estou recomeçando a minha vida.³⁵

Apesar da herança ser um fator decisivo para a presença daqueles sujeitos no campo, naquele município, observamos que há pessoas como o Sr. Sinval, que não recebeu nenhuma espécie de herança e, mesmo assim, decidiu voltar. Em seu caso, o sonho de voltar e ter “um pedaço de terra” foi o motivo para retornar àquele município. Observamos, ainda, que não era apenas um sonho de possuir uma fazenda, mas, sim, de possuí-la no município de Itapagipe. Ao aposentar-se, não hesitou. Comprou a terra e mudou-se para este município, transformando o seu sonho em sua profissão atual.

A narrativa do Sr. Sinval, no que se refere à sua relação com a terra, é bem diferente daquela que os demais narraram. Por não ter vivido toda a sua vida no campo, não depender da renda adquirida com a terra para sobreviver, não ter sido “pressionado” a mudar o seu modo de vida para poder permanecer no campo e não ter vivenciado tantas experiências que os outros vivenciaram.

Querendo refletir sobre qual atividade lhes dera mais lucros, questionei a Sr.^a Aparecida, sobre as muitas atividades que ela exerceu para sobreviver, qual delas lhe dera mais lucros até hoje. Ela disse-me prontamente que havia sido: “*A maior roça. Porque nossas fazendas o que nós comprô de chão foi tudo roça que pagô. A roça dava dinheiro na época. Hoje defasô, Qui num tá cumpensano, cumpensa comprá prá cumê*”.³⁶

³⁵ Sinval Gomes Pinheiro. Entrevista realizada em 27/02/2005.

³⁶ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

Podemos pensar sobre vários motivos para entendermos a afirmativa da Sr.^a Aparecida. Um deles seria a época a que ela está se referindo, entre as décadas de 60 e 70, em que os lucros da lavoura possibilitaram, mesmo, comprar fazendas. Naquele momento, a maioria das pessoas do município, haviam recebido suas terras como herança, desmatando-as e plantado pelas primeiras vezes, portanto o solo não estava tão pobre em nutrientes, como está hoje, não sendo necessários tantos adubos e defensivos agrícolas, o que culminava com produtividade e lucros maiores. Outro motivo seria também a falta de rodovias pavimentadas, dificultando o transporte de mercadorias para Itapagipe. Aquelas que chegassem até à cidade, teriam o preço elevado; assim, as mercadorias dos produtores locais eram mais valorizadas. Também, nessa época, quem ainda não plantasse para seu consumo, já se acostumara a utilizar produtos não industrializados e, por isso, continuava a comprar mercadorias produzidas pelos fazendeiros locais. Assim, a lavoura na época em questão foi uma das principais atividades responsáveis pela posse de vários bens, inclusive a terra.

Na busca de mais elemento, com vistas a refletir sobre esse assunto, perguntei, novamente ao Sr. Moacir, qual atividade que ele já realizara, que havia gerado mais lucros. Ele respondeu-me que: *“Foi mais pela roça. Na época tinha um preço bom. Vendia dois, três até quatro caminhão de arroz. E hoje ocê pega 100 saco de arroz prá vendê, num vendi. É mais barato comprá no mercado, limpinho e dentro dum saquinho, tudo pronto”*.³⁷

Após ouvir a narrativa do Sr. Moacir, inquirei-me sobre sua afirmação de como agricultura foi a atividade que lhe proporcionou maiores lucros, mas que, agora, é mais fácil comprar produtos no supermercado, que diretamente do produtor. Com essa assertiva, podemos indagar sobre várias possibilidades. Uma delas é econômica: gastos com a produção são elevados, por exigir o uso de máquinas para se plantar e colher e também a necessidade de muitos insumos e defensivos agrícolas; assim, os recursos são escassos para investir na agricultura, dificultando, acentuadamente, a concorrência com os grandes grupos agrícolas que atuam nesta área. Uma outra possibilidade é a facilidade e comodidade que existe hoje. A pessoa pode ir ao supermercado e adquirir uma mercadoria de qualidade e barata. Hoje, falamos de outra geração. Não é mais a que planta para sua

³⁷ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

família comer, mas, sim, a que trabalha fora e, muitas vezes, faz suas refeições em restaurantes.

É uma geração que não teve o costume e a tradição de plantar ou optar por produtos não-industrializados. Uma outra explicação seria também a qualidade dos produtos adquiridos em supermercados versus os plantados em pequenas propriedades. Para os produtos vendidos nos supermercados serem produzidos, em sua maioria por grandes grupos, as plantas tiveram sua genética melhorada, o clima controlado por irrigação ou estufas, além de que, os produtos químicos adicionados a eles podem realçar, ou modificar, o sabor, sendo possível adaptá-los aos gostos regionais; enquanto, os produzidos em pequenas propriedades, que ainda utilizam o trabalho familiar, não possuem muitos investimentos em pesquisa, em insumos e defensivos agrícolas. Destarte, a agricultura tornou-se uma atividade que exige muita mão-de-obra e para os pequenos produtores, muitas vezes, o custo/benefício não é satisfatório, impedindo-os de continuar na profissão. Agregado a estes problemas, ainda, está o fato de que os pais e avós desses sujeitos ensinaram-lhes como plantar o necessário para a sobrevivência da família e não em larga escala como hoje exige-se para sobreviver. Hoje eles possuem equipamentos para lhes ajudar na “lida do campo”, mas, com estes equipamentos, vieram as contas para sua manutenção. Pagam, hoje, mais do que na época dos seus pais e avós.

Procurando conjecturar sobre como eles viram a chegada da eletricidade, das máquinas, do telefone e dos eletrodomésticos, perguntei ao Sr. Moacir como ele encarava essas mudanças. Ele respondeu-me que:

É difícil para os piqueno produtor si igualá com os grandi, comprá maquinário, insumu, pagá as conta, aumentá a produção e ainda fazê o que a cooperativa mandô, que é comprá tanquinho, miorá a limpeza e eu num duvido nada que daqui uns dia quem num tivé ordenha mecânica num vai intregá leiti mais, porque quem num põe o seu leiti em tanquin num intrega leiti, foi pur isso qui eu larguei de intregá o leite e passei pru gadu-di-corti.³⁸

Para o Sr. Moacir essas mudanças foram até foram benéficas. Mas, ele faz-nos perceber, ainda, as dificuldades que o “pequeno produtor” possui para manter esses

³⁸ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

benefícios. Ao se referir que hoje é mais fácil por ter tudo isso, mas que, ao mesmo tempo, é mais difícil por ter que pagar tantas contas, ele vai até às suas lembranças das décadas de 30 e 40, a época dos seus pais e em que ele nasceu, para afirmar que era bem mais fácil viver no passado, porque não tinha tantos gastos.

Ele se refere, ainda, às novas normas do Ministério da Agricultura e da Pecuária, sancionadas em 2002, a Normativa 51, que dita novas e rígidas normas de higiene para a produção de leite e derivados, carne, ovos, frutas, legumes e verduras. Utiliza-se de duas das normas impostas para os pecuaristas de leite, que é o fim do recolhimento do leite em latões, implantando os tanques resfriadores de leite; e a outra, que ainda tem o tempo limite até 2010, para ser implantada, a substituição das ordenhas manuais pelas mecânicas.

Com essas inovações, a relação de produção e de trabalho, modificaram-se em relação à terra. A hora de se acordar foi alterada, não se levanta mais à hora em que o “galo canta” e, sim, acerta-se o “relógio biológico” com o horário em que o caminhão tanque passará para pegar o leite, ou com o horário de entregar o queijo na cidade. Muitos têm que fazer jornada dupla para conseguir permanecer no campo. Ordenham as suas vacas de manhã e à tarde. E isso não acontece somente na “época das chuvas”, quando o leite aumenta e fica mais barato, mas também, na época da seca, pois o leite possui um preço melhor, porém diminui muito a quantidade de litros por vaca.

Em suas palavras, Sr. Moacir, refere-se à dificuldade que o pequeno produtor tem em tentar igualar-se (concorrer) com os grandes produtores, sendo difícil adquirir as máquinas e os insumos necessários para aumentar a produção.

Mas, devemos pensar mais sobre esta questão. Será que o Sr. Moacir realmente tem a intenção de igualar-se aos grandes produtores? Pois, pensando na pergunta que lhe fiz: se as atividades que estava exercendo agora, estavam indo bem; ele disse-me que: *“Prá mim mais ela, dá. Us queijo faiz as comprá prá casa até as nuvia ficá nu pontu de vendê.”*³⁹

Ele cita que seus filhos não moram mais com ele e a renda dos queijos que vende é suficiente para ele e sua esposa fazerem as compras básicas para casa, enquanto não está no momento de vender o gado de corte. Com esse pensamento, ele e sua esposa precisam da renda que os queijos fornecem-lhes para viverem. Não me parece que ele queira igualar-se ou, muito menos, concorrer com os grandes proprietários, ou os grandes grupos.

³⁹ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

Refletindo mais sobre a questão da chegada da energia, reiterando este fato como de alta importância e, como consequência, a chegada das máquinas, do telefone e dos eletrodomésticos, perguntei a Sr.^a Aparecida como ela via essas mudanças. Ela respondeu-me que: *“São muito bõo; apenas são muito caros; a energia tá cara dimaisi, o telefone tá caro dimaisi. Maisi nós tem o mesmo recurso da cidade grande, apenas pagano muito caro, mais tem o mesmo recurso.”*⁴⁰

Na visão da Sr.^a Aparecida, essas transformações que ocorreram no campo, principalmente após as décadas de 70 e 80, foram boas. Elas diminuíram a distância que existia entre o campo e a cidade. Em que o termo campo era sinônimo de atraso e calmaria e a cidade de desenvolvimento, onde as coisas aconteciam realmente. Contudo, segundo ela, esses novos recursos que vieram para o campo são muito dispendiosos.

Mas será mesmo que essas mudanças apenas trouxeram benefícios para o campo? E as relações, os costumes, os modos de produção, de relação com a terra e com o trabalho que foram modificadas, isso não foi ruim para as pessoas que vivem no campo, que perderam a sua identidade?

Querendo analisar mais sobre a questão das transformações, também cheguei ao Sr. Valdevando. Cheguei à ele porque buscava uma pessoa que tivesse aderido à todas as regulamentações da Normativa 51. Ele, seus pais e avós nasceram e sempre moraram no município de Itapagipe. Tem 30 anos e antes de se casar era empregado em uma fazenda. Após se casar sua esposa recebeu uma fazenda de 16 hectares de herança dos seus pais. Tem duas filhas, sempre trabalhou com a pecuária leiteira, mesmo quando era empregado. Sua fazenda é considerada modelo no município pela cooperativa local, por ter ordenha mecânica, tanque resfriador de leite, curral pavimentado, inseminação artificial e pastos na forma de piquetes rotativos. Perguntei como ele vira e recebera a chegada da eletricidade, do telefone, das máquinas agrícolas, dos carros, etc. Ele relatou-me que:

Eu acho que isso aí veio prá sigurá o produtor na fazenda, porque si num vêm essas coisa num tinha hoje ninguém em fazenda hoji . Cê lembra o qui tinha di gente e o que têm hoje; intão cê vê que as dificuldade na fazenda é grande, intão por isso o fazendeiro arrisca í prá cidade, por isso que na fazenda tá mais difícil, porque o senhor de idade num guenta trabaia os fio num tá prá ajudá, intão a

⁴⁰ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

*despesa mensal dele vai ficando cara, por que ele sempre têm que pagá pião, num têm jeito de trabaia em família, prá mim eu acho que tá bão, eu não preciso de pagá pião, minha mulher me ajuda.*⁴¹

Percebemos que na narrativa do Sr. Valdevando essas transformações nada mais são do que uma jogada dos governos, prefeituras e, principalmente, das empresas privadas, para manter os produtores no campo. Ele faz-me lembrar de quantas pessoas há hoje no campo e o quanto havia antes, na época em que éramos crianças, há uns 20 anos. Referindo-se ao momento de dificuldade vivido hoje no campo, por consequência da saída das pessoas mais jovens para a cidade, à procura de empregos e melhores salários, restando no campo, apenas os mais velhos. Devido à idade, estes não têm conseguido mais trabalhar, precisando pagar peões constantemente. Assim, aumentam-se as dificuldades de se viver e permanecer no campo. Apesar de entender que essas transformações vieram no momento certo para os produtores, o Sr. Valdevando esquece-se de que a sua maneira de viver foi bruscamente alterada: seus horários de acordar e dormir, a tradição que lhe foi passada pelos seus pais e avós; mas, talvez, por ter 30 anos e ser o mais novo dos sujeitos entrevistados, ele tenha conseguido adaptar-se mais rapidamente às mudanças impostas.

Uma outra explicação, é que a concepção do Sr. Valdevando em sua relação com a terra e a produção, pode estar vinculada à lógica da grande indústria, que é a do consumismo e da obtenção de lucro. Talvez, seja por este motivo que ele adaptou-se rapidamente ao que os outros sujeitos não se adaptaram, e sua fazenda, hoje, pode ser considerada “modelo”. Esse termo fazenda “modelo” vem dos padrões que a grande indústria quer estabelecer. Quem não possui todos os implementos agrícolas necessários e não se moderniza, possuirá propriedades “atrasadas” e não conseguirão competir com as chamadas “modelos”, que estão equipadas e adaptaram-se às novidades rapidamente. Contudo, essas empresas somente estão interessadas nos lucros que vão obter e não no fato de que se o proprietário adquirir esses equipamentos e seguirem as novas imposições do mercado, estarão perdendo a sua identidade, mudando drasticamente o seu modo de viver.

Em relação à “fazendas-modelo”, devemos inquirir sobre a fonte dessa denominação. Esse termo foi inventado pelos grandes grupos e a agroindústria para classificar as propriedades que já passaram por um processo de modernização, possuindo

⁴¹ Valdevando Gonçalves Dias. Entrevista realizada em 22/02/2005.

ordenhas mecânicas, máquinas para cultivar, plantar e colher, tanques de expansão, currais pavimentados e cobertos, produção através de inseminação artificial, etc. A propriedade do Sr. Valdevando foi considerada “modelo”, no município de Itapagipe, pela cooperativa agropecuária local. Mas, será que a intenção da cooperativa quando classificou a propriedade do Sr. Valdevando de “modelo”, foi de premiar um cooperado com esse título? Ou para mostrar aos demais cooperados, o tipo de cooperado que essa instituição pretende ter?

Pensando no que o Sr. Sinval narrou-nos acima no texto, sobre essa mesma questão das mudanças que estão acontecendo com o campo, as inovações que estão chegando a ele, observa-se que a sua visão é diferente da que os outros entrevistados possuem, o que pode ser esclarecido pela situação e a época em que chegou ao campo. Ele adquiriu a terra que possui hoje, somente em 2002 e não vive exclusivamente dessa atividade, pratica-a porque gosta, sendo que, a sua renda principal provém da aposentadoria do cargo de delegado. Portanto, ele acompanhou a chegada dessas mudanças nas décadas de 70, 80 e 90, todas pelos jornais e pelas revistas, enquanto os outros entrevistados viveram essa experiência diretamente. Ele enquanto proprietário de terra, não teve que se adaptar a nenhuma dessas transformações e, muito menos, mudar o seu modo de viver no campo, porque, ao chegar, as transformações já haviam ocorrido.

A percepção do Sr. Sinval é muito interessante, quando se refere ao fato de que, apesar dessas mudanças serem benéficas para o proprietário de terras, ainda há um descaso com os pequenos proprietários rurais; às vezes por parte do governo, prefeituras, mas, principalmente, por parte das empresas que produzem e pesquisam novas técnicas e insumos para o campo. Na maioria das vezes, as pesquisas são voltadas, principalmente, para os produtores que detém maior poder aquisitivo e, também, para os grandes grupos agrícolas. São máquinas, adubos, dispositivos para irrigação, sementes, defensivos e serviços de mapeamento via satélite, análise do solo, do clima, com seus dados passados por via Internet e celular. Sofisticados, porém caríssimos. Mas, podemos supor o porquê de não haver muitos investimentos em pesquisas para desenvolver produtos mais acessíveis ao pequeno proprietário rural: os investimentos seriam altos e o retorno não seria compensador.

Assim, permanece o pequeno proprietário rural, sem acesso às novidades, adquirindo máquinas ultrapassadas e insumos agrícolas não tão bons quanto os que os produtores com maior poder aquisitivo utilizam.

Há diferenças entre as narrativas do Sr. Sinval e do Sr. Valdevando com relação às que os outros entrevistados fizeram. Eles não trabalham somente cronologicamente. Podemos perceber em suas palavras, que não se referem muito ao passado para explicarem algo ou compararem com o que estão vivendo hoje. Isso pode ser em decorrência da despreocupação que ambos possuem em relação ao passado na zona rural. Por um lado, o Sr. Sinval, que mora no campo há poucos anos, não se preocupa com acontecimentos passados, principalmente, os que não foram vivenciados por ele; e, por outro, o Sr. Valdevando que é jovem, se comparado aos demais entrevistados, e reconhece de forma diferente a relação com a terra, com o trabalho e com os modos de produção, com uma visão mais ligada à agroindústria do que os demais.

Apesar de serem caros, tornando-se de difícil acesso a esses produtores, alguns requisitos básicos (como tanques de expansão, adubos, tratores e eletricidade) foram adquiridos porque, caso contrário, eles teriam que mudar de atividade para permanecer no campo. Essa prática está acontecendo com frequência em Itapagipe, pois muitos não conseguem adaptar-se às novas normas do Ministério da Agricultura e da Pecuária. Vendem ou arrendam suas terras e mudam-se para as cidades em busca de outras profissões. Porém, grande parte das profissões exige estudo, o que dificulta na busca de emprego. Por vezes, eles tentam permanecer no campo, apenas mudando de atividade, buscando alguma em que os produtos possam ser vendidos na região, como o queijo, por exemplo.

Assim, eles tiveram que mudar e adquirir não só os insumos utilizados na produção, mas também, seus modos de viver. Suas vidas foram mudadas, a hora de acordarem e de trabalharem depende do horário em que o caminhão tanque vai pegar o leite, das vacinas a serem aplicadas no gado, das instruções do Ministério da Agricultura e da Pecuária; mesmo o dia de irem à cidade é dependente do pagamento do leite (todo dia quinze de cada mês) e, também, do dia em que a Cooperativa oferece quarenta e cinco dias para pagar, caso a mercadoria seja comprada no primeiro dia de cada mês.

A fim de entender a relação entre eles e a cooperativa, perguntei ao Sr. Evangelisto, como é sua relação com a cooperativa. Ele disse-me que:

O leite é bom, porque é um salário que ocê têm ele direitinho e todo mês, a conperativa paga todo dia quinze, chegou lá o dinheiro tá lá, agente paga aquilo que comprô, a conperativa têm tudo lá desde petróleo, de supermercado têm tudo lá, loja veterinária, têm tudo que agente quer comprá têm lá e se agente comprá no dia primeiro, têm quarenta e cinco dias prá pagá. Ela ajuda muito o piqueno produtor, dá assistência com veterinário e agrônomo e agente paga só o petróleo qui ele gasta; ela também dá dicas de como cuidar do gado e aumentá a produção no jornalzinho que ela dá todo dia quinze, no pagamento do leiti.⁴²

Para poder perceber as diferenças que existem na relação entre os entrevistados e a cooperativa, perguntei ao Sr. Moacir, que deixou de ser cooperado, passando a trabalhar com gado de corte e queijo, como era a sua relação quando ele entregava leite para a cooperativa. Ele relatou-me que:

Quando eu ainda intrégava leiti, era até mais o menos. Mais, agente um dia disanima de vê as coisa e num podê fazê nada. A conperativa num gosta de piquenu produtor, ela ajuda só os grandi. Pagá os leite dê mais caro que us nosso, divide as compra dê em mais veis e até dá tanquim prá ês e prus piquenu, só manda comprá issu e comprá aquilo..⁴³

É possível perceber, na fala do Sr. Evangelisto, que a relação entre ele e a cooperativa, não é uma relação de dependência e, sim, de ajuda mútua. Pois, ela é necessária para ele permanecer no campo, em contrapartida, ela também precisa de seus cooperados, para existir e manter-se. Mas, precisamos avaliar que essa relação pode não ser tão “amigável” assim. Mesmo que o discurso da cooperativa seja de que os cooperados não são empregados e, sim, os donos; que a administração e os funcionários são os empregados dos produtores rurais (cooperados), esta afirmação é perfeita na teoria, pois, na realidade, a cooperativa funciona como qualquer outra empresa que quer ganhar e aumentar seus lucros; para tanto, publica um informativo todo mês, com informação e dicas de como deve ser a

⁴² Evangelisto Paulo Assunção. Entrevista realizada em 24/02/2005.

⁴³ Moacir Carneiro Leão. Entrevista realizada em 14/02/2005.

atitude de um cooperado perante a cooperativa, como manusear e cuidar da produção, as normas de higiene e, principalmente, traz resultados de pesquisas realizadas por institutos idôneos revelando como aumentar a produção e melhorar a qualidade do leite, ainda, que possuindo pouca terra e recursos escassos.

A cooperativa também oferece agrônomos e veterinários para auxiliar os cooperados com o gado e o pasto, mas essa “ajuda” pode ser interpretada de outra maneira. Se ela visa obter maiores lucros e melhorar a qualidade do leite, então, não espera que os cooperados, apenas com a informação transmitida pelo informativo publicado todo mês, consigam colocar em prática tudo o que lêem. Assim, distribui o informativo com as novidades, realiza palestras com pessoas formadas para despertar o interesse dos cooperados e, depois, para colocar em prática os conhecimentos adquiridos, fornece agrônomos e veterinários que vão até as casas de cada produtor cooperado. A presença de especialistas beneficia muito o produtor, mas, principalmente, a cooperativa, que terá aumento na produtividade de leite melhor qualidade agregada.

Podemos perceber na narrativa do Sr. Moacir, que não trabalha mais com leite e não é mais um cooperado, que a relação mantida entre ele(pequeno proprietário) e a cooperativa não era das melhores. Segundo ele, a cooperativa não passa de uma empresa como outra qualquer, que quer aumentar os lucros a qualquer custo, mesmo que isso implique em proteger alguns e desfavorecer a outros.

Tanto a visão do Sr. Evangelisto, quanto a do Sr. Moacir , leva-nos a refletir sobre a relação que esses sujeitos mantiveram, ou mantém, com a cooperativa. Será mesmo que a relação do Sr. Evangelisto com a cooperativa é realmente de ajuda mútua? E a do Sr. Moacir, quando entregava leite para a cooperativa, seria essa relação de desfavorecimento mesmo? E só agora que ele não tem mais vínculos com a cooperativa é que ele pode se pronunciar?

Ao observar a dificuldade que esses produtores passam em tentar concorrer com os grandes grupos rurais, foi perguntado ao Sr. Sinval se havia incentivos por parte do governo para o pequeno proprietário consiga permanecer no campo. Ele me disse que:

...conseguir um empréstimo, agora parece-me que as coisas estão ficando um pouco mais difíceis. Segundo o Governo Federal, os recursos estão aumentando, mas acredito que não..., se mais pessoas estão adquirindo esses empréstimos, então

*eles estão sendo mal distribuídos ...Muitas vezes ele vêm na hora inadequada . O excesso de burocracia realmente atrapalha... Uma coisa que eu percebo, que tem atrapalhado um pouco o trabalho do empresário rural, seria quando ele obtém empréstimo ,e esse empréstimo possui pouca margem de manobra para trabalhar com esse dinheiro que vêm. Porque, ele já vem estabelecido para que e quanto deve-se gastar...*⁴⁴

O Sr. Sinval possui uma nítida noção do problema enfrentado hoje pelos pequenos proprietários rurais ao tentar conseguir financiamentos rurais para poderem investir na produção a fim de melhorá-la, aumentá-la ou diversificá-la. A burocracia é grande, falta “margem de manobra” para os empréstimos adquiridos; há financiamentos que não vem na época certa ou, ainda, para o tipo de produção errada. Talvez, o Sr. Sinval tenha essa visão diferenciada dos outros produtores, por ter acompanhado estes financiamentos antes de mudar-se para o campo, ser proprietário de terras e, principalmente, precisar de um.

Na fala do Sr. Sinval, foram narradas dificuldades que o pequeno proprietário encontra para poder instalar-se e, também, permanecer no campo. Uma problemática levantada é o fato de que o Sr. Evangelisto disse que a cooperativa sempre foi parceira do pequeno proprietário, o que faz-nos pensar no porquê da dificuldade em conseguir financiamentos, possuindo-na como parceira. A cooperativa, enquanto representante dos pequenos produtores, deveria facilitar o processo.

A cooperativa poderia fazer parcerias com o Governo Federal e, juntamente com o Banco do Brasil, oferecer financiamentos para seus cooperados ampliarem e melhorarem a sua produção, fornecendo dinheiro, na forma de empréstimos, a juros baixos para poderem investir, mas também, conseguirem pagar esse financiamento futuramente.

Para esses sujeitos, falar de como é viver no campo, não é só falar do trabalho, mas também das festas, jogos, novenas, cultos, festas em homenagem a santos, mutirões de trabalho (seja para matar uma vaca, um porco, fazer pamonha ou até roçar pasto e fiar lã e algodão). Muitas vezes, o lazer deles está associado ao trabalho, à época de preparar a terra para plantar, ou à época da colheita. É um modo que não só eles, mas também seus pais e avós encontraram para se reunir, divertirem-se e confraternizarem-se com amigos, vizinhos e parentes.

⁴⁴ Sinval Gomes Pinheiro. Entrevista realizada em 27/02/2007.

Para entender um pouco como é a vida deles para além do trabalho, conversei com a Sr.^a Aparecida. Perguntei-lhe o que faz para se divertir, quando não está em casa. Ela relatou-me que:

Óia eu num sô muito de ficá em casa não. Eu vô numa novena, num culto, numa missa, quandu possu eu pegu o carro e vizito os meu fi, também vô na casa dus meus irmão. Quandu tem festa o um joguim num duminu eu vô também, mais nas festa eu num ficu até tardi não, porque eu num guênto, porque si eu fossi nova igual ocê eu ficava lá dançanu até acabá. Maisi, hoji em dia eu saio mais du que antes, porque eu num tô aqui suzinha e eu num gostu de ficá suzinha e num tem fi prá zelá, maisi veju qui as pessoal pur aqui anda muito disligado de uma missa, di i na casa dus vizim e até mesmu de fazê um mutirão prá ajudá us vizim e us amigu mais próxim. Na épua qui eu era mais nova, as coisa era bem diferente de hoji, as pessoa tinha mais união, uns ajudava us outro. Hoji as pessoa tem tudo, tem carro e tem moto, até istrada boa tem e mesmu assim esi sai menus. Eu acho é qui essa moçada di hoji tá é perdenu o respeito e damu menus valor prus mais véio.⁴⁵

Na sua narrativa, a Sr.^a Aparecida refere-se ao seu lazer como sendo hoje mais freqüente de quando tinha os filhos morando em sua casa e sendo cuidados com ela. Além de responder que não fica muito em casa porque não gosta de ficar sozinha, a Sr.^a Aparecida despertou-me a atenção para outra questão. Ela focou a sua resposta na diminuição das relações sociais entre os sujeitos que moram no campo. Segundo ela, atualmente, há menos visitas em sua casa, menos pessoas nas missas e as pessoas não mais se ajudam como na época em que ela era mais jovem. Só que é necessário avaliarmos que muito mudou daquela época até os nossos dias. As pessoas que vivem naquele local não são as mesmas; muitas que viviam ali na época a que ela se refere, mudaram-se, os valores mudaram, tradições foram perdidas ou esquecidas em parte.

Refletindo um pouco mais sobre esse assunto, conversei também com o Sr. Valdevando. Perguntei-lhe que atividade praticava para se divertir e relaxar. Ele respondeu-me que:

⁴⁵ Aparecida Assunção da Silva. Entrevista realizada em 22/02/2005.

*Óia Daiane, aqui nós num tem muita opção igual você lá em Uberlândia. Mais, nós joga um futebolzinho, vai di vez im quando na casa dum vizim, teno festa o não, vai numa festinha na escola o nu barracão. É issu aí que agente faiz, num tem muita opção não, mais eu num troco o poco qui nós tem aqui pur nenhuma festinha da cidade.*⁴⁶

Para quem apenas observa, o lazer no campo pode tornar-se rotineiro e cansativo, por ser associado ao trabalho. Mas, essa pessoa não irá entender que, aqueles que vivem lá, possuem o costume de não separar trabalho e lazer. Isso, para eles, é uma forma de ajudar o vizinho, de estar próximo dos amigos e familiares, enfim, é uma maneira que encontram de não se afastarem de seus entes queridos. Além disso, por serem pequenos proprietários e não disporem de muitos recursos, é uma maneira de não precisarem contratar peões para ajudá-los sempre.

Deste modo, são inúmeras as dificuldades enfrentadas por esses proprietários de terra, mas que, no entanto, resistem de todas as formas para permanecerem ali; e não porque esta seja a única solução para eles, como no caso de muitos outros que desistiram e arrendaram suas terras, mas porque gostam de morar no campo; porque seus pais e avós trabalharam para adquirir esse patrimônio, deixando-o como herança. Esses sujeitos não receberam apenas bens materiais como herança, receberam uma vasta tradição que lhes foi transmitida de pai para filho há muitas gerações; costumes de como cuidar da terra, de lazer, de religião, crenças; enfim, experiência de vida. Para muitos, sair dali, arrendar suas terras ou adaptarem-se as inovações da tecnologia, significa perder a sua identidade, suas tradições e seus costumes em comum. É deixar à parte uma maneira de viver que vem sendo vivenciada por muitas gerações.

⁴⁶ Valdevando Gonçalves Dias. Entrevista realizada em 22/02/2005.

Considerações Finais

Ao iniciar o projeto de MTPH (Métodos e Técnica de Pesquisa em História), o intuito deste trabalho era o de fazer algo sobre Itapagipe, cidade onde mora minha família e onde morei até meus 17 anos. Mas, após conversar com a orientadora deste projeto(Dr.^a Célia Rocha Calvo), ela indicou-me várias leituras que pudessem auxiliar-me no direcionamento de minha pesquisa, efetuando um corte cronológico. A primeira idéia que tive para a minha pesquisa, foi a de escrever exclusivamente sobre a COPAPI (Cooperativa Agropecuária de Itapagipe). Mas, ao ler mais alguns trabalhos, surpreendi-me com a idéia de citar essa Cooperativa, mas direcionar o meu trabalho para os pequenos proprietários rurais desse município; pois acreditei que esse redirecionamento enriqueceria muito minha pesquisa.

A época analisada (1960-2005), nada mais é do que o tempo social utilizado nas narrativas dos sujeitos entrevistados para compor este trabalho. Elas iniciam-se, mais ou menos em 1960, ano em que as mudanças começaram a ocorrer mais acentuadamente no campo, finalizando em 2005, ano em que as entrevistas foram realizadas.

Assim, cheguei à conclusão de que precisaria realizar entrevistas, que me serviriam como fonte principal, pensando em trabalhar com algo mais próximo à minha realidade, algo mais “palpável”. Para ter as fontes vivas e podendo ajudar-me com suas experiências de vida.

A tentativa de refletir sobre a vida desses sujeitos, através de suas narrativas, foi uma responsabilidade enorme. Pois, além desse trabalho ser pioneiro no município de Itapagipe, o fato de trabalhar com a História Oral, traz-nos várias noções de ética a que devemos nos ater.

As narrativas permitiram-me refletir sobre mudanças nos modos de viver dos pequenos proprietários rurais em Itapagipe. Os seus sonhos, desejos, problemas, preocupações e, principalmente, a luta para permanecer no campo e preservar suas origens, seus modos de vida e de trabalho.

Na tentativa de abordar alguns pontos como a relação com a terra e com o trabalho, suas vidas para além do trabalho, as mudanças que vêm ocorrendo em seus modos de viver e permanecer no campo, o vínculo que têm com a realidade sócio-cultural, que aparece em

suas narrativas; é inevitável que alguns pontos, também importantes, passem despercebidos. Mas como, em toda pesquisa, temos que fazer escolhas, essa não pôde ser diferente.

Contudo, a construção da monografia permitiu-me praticar os estudos feitos em sala de aula, relacionando a aprendizagem com a prática de historiador e sua inclusão no meio social.

Fontes:

Jornal do Produtor, Itapagipe, julho/2004 à julho/2006, COPAPI(Cooperativa Agropecuária de Itapagipe Ltda.).

CEMIG- Companhia de Energia de Minas Gerais. Disponível em: www.cemig.com.br , acessado em 30 de Outubro de 2006.

Dicionário de agricultura disponível em: www.multimidia.prudente.unesp.br/cartosig/glossario/body_glossario.html , acessado em 01 de junho de 2005.

EMATER-MG- Empresa de assistência técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais. Disponível em: www.ematermg.gov.br , acessado em 07 de junho de 2005.

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: www.embrapa.gov.br , acessado em 10 de junho de 2005.

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: www.incra.gov.br , acessado em 01 de junho de 2005.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br , acessado em 02 de junho de 2005.

NORMATIVA 51 retirada do site: www.ufpe.edu.br/faem/dcta/microbial/artleite.pdf acessado em 22/11/2006.

Fontes Orais:

1. Aparecida Assunção da Silva, 68 anos, viúva, reside na Serra da Moeda, município de Itapagipe-MG, lugar onde também nasceu. Já foi agricultora, pecuarista de leite (vendeu queijo e leite) e, há 10 anos aproximadamente, é pecuarista de corte. Depoimento concedido em 22/02/2005.
2. Evangelisto Paulo de Assunção, 55 anos, casado, reside na Serra da Moeda, município de Itapagipe-MG, lugar onde nasceu. Já foi agricultor, pecuarista de leite (vendeu queijo e leite), e, há mais de 20 anos, é pecuarista de leite. Há 7 anos também diversifica a sua produção, plantando coco da Bahia. Depoimento concedido em 24/02/2005.
3. Moacir Carneiro Leão, 60 anos, casado, reside na Fazenda Serra da Moeda, município de Itapagipe-MG, lugar onde nasceu. Já foi agricultor, pecuarista de leite (vendeu queijo e leite) e, há 6 anos aproximadamente, trabalha com a pecuária de corte, também vendendo queijos. Depoimento concedido em 14/02/2005.
4. João Ferreira da Cunha, 65 anos, casado, possui uma fazenda no município de Itapagipe-MG, Ribeirão do Meio, mas mora na cidade há mais de 30 anos e nasceu no mesmo município. Já foi agricultor, pecuarista de leite, mas sobrevive do arrendamento de suas terras, há mais de 30 anos. Depoimento Concedido em 16/02/2005.
5. Valdevando Gonçalves Dias, 30 anos, casado, reside na fazenda Moeda no município de Itapagipe-MG, local onde nasceu. Antes de se casar, era empregado em fazendas e, após se casar, sua esposa recebeu uma herança de seu pai. A partir desta época, tornou-se pecuarista de leite. Depoimento concedido em 22/02/2005.
6. Sinval Gomes Pinheiro, 54 anos, casado, reside há uns 5 anos numa fazenda do município de Itapagipe, município onde nasceu. Mudou-se, ainda criança, para o Estado de São Paulo, onde trabalhou em muitas atividades até passar em um concurso para Delegado de Polícia, quando se mudou para Curitiba-PR. Morou no Paraná por mais de 16 anos e, ao se aposentar em 2002, comprou uma fazenda no município de Itapagipe, mudando-se para lá. Depoimento concedido em 27/02/2005.

Bibliografia:

AMADO, Janaína. Apresentação: História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. p.p. 7-15; **IN: SILVA, Marcos A. da.(coord) República em Migalhas. História Regional e Local.** São Paulo, Marco Zero/ AMPUH, 1990, nº19.

FÉLIX, Gislaine Rocha. **Memórias e Histórias: Modos de viver e permanecer no campo campina verde(1960-2003).** 2004, Monografia UFU, Uberlândia-MG. Mimeografado.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular. **IN: História e Perspectivas.** Uberlândia, jan/jun, 1992, p.p. 05-21”.

FERREIRA, Alexandre Alves, **Êxodo Rural no Município de Ibiá. Entre as Décadas de 1950 e 1970 : A proletarianização dos lavradores.** 2000. Dissertação. UFU, Uberlândia-MG. Mimeografado.

FERRO, Marc. Historia Local, História Geral. Vínculos entre o passado e o presente. **IN: A História Vigida.** São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.p. 109-124.

GOUBERT, Pierre. História Local. **IN: História e Perspectivas.** Uberlândia: UFU/ cochi, 1992, nº6, p.p. 45-57.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro Séculos de Latifúndio.** RJ, Paz e Terra, 5ª ed, 1981.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. Historiografia, uma questão regional? São Paulo no período Republicano, um exemplo. **IN: Secretaria de Cultura de São Paulo,** 1985, p.p. 81-93.

LIMA, Juraní Gonçalves. **Nossa História.** vol. 1. editora capital, BH, 1ª edição, 1992.

MIRANDA, Luciana Lílían de. **Adeus ao “JECA TATU”: Proprietários Rurais de Uberlândia, mg, Vivenciando a Política Agrícola Modernizadora 1960-1985.** 2003. Dissertação. UFU, Uberlândia-MG. Mimeografado.

PORTELLI, Alessandro. As Fronteiras da Memória. O Massacre das Fossas Ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos. IN: **História e Perspectivas**. UFU, EDUFU, n.º 25-26, Jul./Dez. 2001/JAn./Jul.2002, PP 9-26.

_____. Dividindo o mundo: O som e o espaço na transição cultural. IN: **Revista Projeto História**, jan./jun., PUC-SP, EDUSC, CNPq, nº26, 2003, PP 47-64.

_____. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um significado em igualdade. O que faz a história oral diferente. IN: **Revista Projeto História**. PUC-SP, EDUSC, n.º 14, Fev./1997, PP 07-71.

_____. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. IN: **História e Perspectivas**. UFU, EDUFU, n.º 25-26, Jul./Dez. 2001/JAn./Jul.2002, PP 27-54.

_____. O Que Faz a História Oral Diferente. IN: **Revista Projeto História**. PUC-SP, EDUSC, n.º 14, Fev./1997, PP 25-39.

_____. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas Reflexões sobre a ética na História Oral. IN: **Revista Projeto História**. PUC-SP, EDUSC, n.º 15, Abril/1997, PP 13-33.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral, IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/ AMPUH, 1990, nº19, p.p. 219-242.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Record, RJ-SP, 2001.

SHARPE, Jim. História Vista de Baixo. IN: BURKE, P. (org). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.p. 39-62.

SILVA, Renata Rastrelo e. **Memórias, Vivências e Festas Religiosas em Martinésia**. Dez.2004, Monografia, UFU, Uberlândia-MG. Mimeografado.

TEODORO, João Donizeti Alves, **A cooperativa dos Produtores Rurais do Prata: cooperativismo e capitalismo**. Junho de 2004. Monografia.UFU, Uberlândia-MG. Mimeografado.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: Questões sobre a Relação entre a História Oral e as Memórias.** IN: **Revista Projeto História.** PUC-SP, EDUSC, nº 15, 1997, p.p.51-84.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria; ou um Planetário de Erros; uma Crítica ao Pensamento de Althusser.** RJ, Zahar, 1981.

_____. **Costumes em comum.** SP: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** RJ, Paz e Terra, 2ª edição, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade : Na História e na Literatura.** São Paulo, Companhia das Letras, 1989.